



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO

**A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
SANTA JUSTINA/SANTA IZABEL, MANGARATIBA - RJ.**

Bruna Silva da Conceição

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



**A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
SANTA JUSTINA/SANTA IZABEL, MANGARATIBA-RJ**

BRUNA SILVA DA CONCEIÇÃO

Sob a orientação da professora
Dr^a Monika Richter

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

Nova Iguaçu, RJ
Agosto/2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CC744p
p
Conceição, Bruna Silva da , 1996-
A Percepção Ambiental da Comunidade Quilombola de Santa Justina/Santa Izabel, Mangaratiba - RJ / Bruna Silva da Conceição. - Nova Iguaçu, 2023.
123 f. : il.

Orientadora: Monika Richter.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.

1. Percepção Ambiental. 2. Comunidades Tradicionais. 3. Quilombo Santa Justina/Santa Izabel. 4. Geotecnologia. 5. Território. I. Richter, Monika, 1967-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
BRUNA SILVA DA CONCEIÇÃO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/08/2023

Identificar membros da banca:

Monika Richter.

Dra. UFF

(Orientadora, presidente da banca)

Gustavo Mota de Sousa.

Dr. UFRRJ

(membro da banca)

Pamela Marcia Ferreira Alves Dionisio.

Dra. CEFET/RJ

(membro da banca)

Sarah Lawall

Dra. UFRRJ

(membro da banca)

(Assinado digitalmente em 04/09/2023 12:00)

GUSTAVO MOTA DE SOUSA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeGEOIA (11.39.39)

Matricula: ###661#0

(Assinado digitalmente em 05/09/2023 12:33)

SARAH LAWALL

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

CoordCGGeog (12.28.01.00.00.02)

Matricula: ###291#1

(Assinado digitalmente em 05/09/2023 08:45)

PAMELA MARCIA FERREIRA ALVES DIONISIO

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.117-##

(Assinado digitalmente em 04/09/2023 13:41)

MONIKA RICHTER

ASSINANTE EXTERNO

CPF: ###.###.977-##

Dedico este trabalho a ancestralidade,
que sempre se mostrou muito presente e
nos leva para onde precisamos estar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, por ter me dado a base e princípios que fizeram com que eu chegasse até essa conquista, por sempre me apoiarem a alcançar todos os meus objetivos. Obrigada também aos amigos, que nessa caminhada me lembravam do meu potencial e me incentivaram a driblar as adversidades.

Agradeço aos meus ancestrais e toda espiritualidade que me acompanha, pois sei que meus passos foram guiados para este caminho por meio dos mesmos, essa é a única resposta que consigo pensar. Obrigada por toda proteção e fortaleza, todo axé e energia que me elevaram até esse grande encontro.

Agradeço a Comunidade Quilombola de Santa Justina/Santa Izabel. Agradeço por ter aprendido tanto nas trilhas de seu território e na oralidade dos quilombolas. Aprendizado que foi para além da academia, transcendeu o meu espírito e é certo que nossos ancestrais se cruzaram entre si. Sou muito grata pela amizade, pela confiança e construção do grande laço que se fez.

Agradeço a minha orientadora Monika Richter por todo aprendizado, pela paciência e pela confiança em meu trabalho. Obrigada por sempre me incentivar a não desistir quando a dificuldade aparecia como boa ariana que é. Sua parceria e apoio ajudaram a lapidar esse diamante.

Agradeço aos integrantes da banca, Professor Gustavo Motta, Professora Pamela Dionísio e Professora Sarah Lawall, que para além da sua participação em minha qualificação e defesa, cada um deles trouxeram grandes contribuições, foram amistosos e me deram total apoio de acordo com suas especialidades.

Aproveito também para considerar a grande estima e total agradecimento para com os docentes do Programa de Pós Graduação de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde foram receptivos, me abraçaram na área da Geografia e pude me aprofundar no conhecimento.

Agradeço a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro por ter sido minha casa por 8 anos consecutivos, toda vivência ruralina expandiu as paredes da academia e me trouxeram grande experiência para a vida que nunca mais irei esquecer.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

RESUMO

Conceição, Bruna Silva da. **A Percepção Ambiental da Comunidade Quilombola de Santa Justina/Santa Izabel, Mangaratiba-RJ.** 2023. 124 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2023.

O conceito de Percepção Ambiental, quando relacionado aos povos tradicionais, colabora na demonstração da relação intrínseca - cognição e emocional - dos mesmos com a biodiversidade e sua atuação incessante para a preservação através do manejo pautado no seu saber ancestral. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar como a comunidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, localizada no município de Mangaratiba - RJ, se relaciona com o meio em que vive, de modo a destacar as suas práticas e contribuições para a conservação do patrimônio natural e cultural. Foi realizado o levantamento das informações sobre o contexto histórico e a atual situação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, tais como o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) e demais referências bibliográficas. Conduziu-se o levantamento de dados cartográficos no Portal GeoInea, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO SIMRPPN), todos trabalhados no software Qgis versão 3.28 de modo a modelar a base de dados geoespaciais do contexto. Elaborou-se dois questionários, o geral promovido em gravação de áudio com as principais lideranças e o específico em trabalho de campo inserido e construído no programa Vicon SAGA que permite o georreferenciamento e posteriormente consultas por filtro espacial para os 27 representantes das famílias moradoras da comunidade para expressar a percepção ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. Adiante, foram construídos (05) cinco mapas: **1)** Mapa da Delimitação do território quilombola de Santa Justina/Santa Izabel; **2)** Mapa da Sobreposição da Bacia do Rio do Saco com a Delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; **3)** Mapa da Sobreposição do Parque Estadual Cunhambebe e Área de Proteção Ambiental de Mangaratiba com o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; **4)** Mapa da Sobreposição do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a RPPN Fazenda Santa Izabel e RPPN Fazenda Cachoeirinha; **5)** Mapa do Georreferenciamento das residências, e foi desenvolvido demais aspectos socioambientais como o uso e cobertura da terra. Constatou-se que a parcela da Bacia do Rio do Saco com maior cobertura de área verde (76%) está situada no território do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; além da Mata Atlântica, encontra-se também um manguezal em boas condições de conservação; há a sobreposição da delimitação da comunidade com o PEC, APAMAN e as RPPN's, onde considera-se viável o manejo participativo e gestão colaborativa entre ambas as partes; o resultado dos questionários sobre a percepção ambiental da comunidade demonstra que a natureza está muito para além da sua subsistência, está integrada ao modo de vida da comunidade e a comunidade está imersa em seus ciclos e componentes. Ou seja, a natureza e o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel são inseparáveis.

Palavras-chave: Percepção Ambiental; Comunidades Tradicionais; Quilombo Santa Justina/Santa Izabel; Geotecnologia; Território.

ABSTRACT

Conceição, Bruna Silva da. **The Environmental Perception of the Quilombola Community of Santa Justina/Santa Izabel, Mangaratiba-RJ.** 2023. 124 p. Dissertation (Master in Geography). Institute of Geosciences/Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2023.

The concept of Environmental Perception, when related to traditional people, helps to demonstrate their intrinsic relationship - cognition and emotional - with biodiversity and their incessant action towards preservation through management based on their ancestral knowledge. The present work aims to present how the community of Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, located in the municipality of Mangaratiba - RJ, relates to the environment in which it lives, in order to highlight its practices and contributions to the conservation of the natural and cultural heritage. Information was collected about the historical context and current situation of Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, such as the Technical Identification and Delimitation Report (RTID) and other bibliographic references. Cartographic data was collected on the GeoInea Portal, Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), National Institute of Colonization and Agrarian Reform (INCRA), Chico Mendes Institute for Biodiversity Conservation (ICMBIO SIMRPPN), all worked on the Qgis software version 3.28 in order to model the context's geospatial database. Two questionnaires were prepared, the general one promoted in audio recording with the main leaders and the specific one in field work inserted and built in to the Vicon SAGA program which allows georeferencing and subsequent queries by spatial filter to the 27 representatives of families living in the community to express the environmental perception of Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. Next, (05) five maps were constructed: **1)** Map of the delimitation of the quilombola territory of Santa Justina/Santa Izabel; **2)** Map of the Overlap of the Rio do Saco Basin with the Delimitation of the Santa Justina/Santa Izabel Quilombo; **3)** Map of the Overlap of the Cunhambebe State Park and the Mangaratiba Environmental Protection Area with the Santa Justina/Santa Izabel Quilombo; **4)** Map of the Overlap of Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel with RPPN Fazenda Santa Izabel and RPPN Fazenda Cachoeirinha; **5)** Georeferencing map of residences, and other socio-environmental aspects such as land use and coverage were developed. It was found that the portion of the Rio do Saco Basin with the highest green area coverage (76%) is located in the Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel territory; In addition to the Atlantic Forest, there is also a mangrove forest in good condition; there is an overlapping of the community's delimitation with the PEC, APAMAN and the RPPN's, where participatory management and collaborative management between both parties are considered viable; the results of the questionnaires on the community's environmental perception demonstrate that nature is far beyond its subsistence, it is integrated into the community's way of life and the community is immersed in its cycles and components. In other words, nature and Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel are inseparable.

Key words: Environmental Perception; Traditional Communities; Quilombo Santa Justina/Santa Izabel; Geotechnology; Territory.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ACQUILERJ - Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro

ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

APAMAN- Área de Proteção Ambiental de Mangaratiba

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MPF - Ministério Público Federal

MST - Movimento Sem Terra

NEPA - Núcleo de Estudos em Percepção Ambiental

NRC/NAS - National Research Council/National Academy of Sciences

OMM - Organização Meteorológica Mundial

PEC - Parque Estadual do Cunhambebe

PESET - Parque Estadual da Serra da Tiririca

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

TRF2 - Tribunal Regional Federal da 2ª Região

SAF – Sistema Agroflorestal

SAGA - Software Sistema de Análise Geo-ambiental

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Mapa da Delimitação do território quilombola de Santa Justina/Santa Izabel
- Figura 2:** Registro de homens escravizados na plantação de arroz
- Figura 3:** Ruínas da Estufa de Banana
- Figura 4:** Ruínas da Hidrelétrica que movimentava a Empresa “Força e Luz”
- Figura 5:** Croqui da repartição de Santa Justina/Santa Izabel retirado do RTID
- Figura 6:** Linha do Tempo do Quilombo
- Figura 7:** Fluxograma da Metodologia
- Figura 8:** Mapa da Sobreposição da Bacia do Rio do Saco com a Delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, Mangaratiba/RJ
- Figura 9:** Gráfico do Resultado do Uso da Bacia do Rio do Saco
- Figura 10:** Mapa da Sobreposição do Parque Estadual Cunhambebe e Área de Proteção Ambiental de Mangaratiba com o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel
- Figura 11:** Mapa da Sobreposição do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a RPPN Fazenda Santa Izabel e RPPN Fazenda Cachoeirinha
- Figura 12:** Palmito Pupunha
- Figura 13:** Cachos de Banana
- Figura 14:** Coentro
- Figura 15:** Couve
- Figura 16:** Banana Passa
- Figura 17:** Cocada de Gengibre
- Figura 18:** Doces em Compota
- Figura 19:** Urucum e Cacao em pó
- Figura 20:** Farinha de Aipim
- Figura 21:** Melaço de Cana de Açúcar
- Figura 22:** Mãe do Ouro
- Figura 23:** Toca do Zé Vitor
- Figura 24:** Festa da Consciência Negra
- Figura 25:** Mapa do Georreferenciamento das residências
- Figura 26:** Gráfico do Gênero dos Entrevistados
- Figura 27:** Gráfico da Faixa Etária dos Entrevistados
- Figura 28:** Gráfico da Escolaridade dos Entrevistados
- Figura 29:** Gráfico da Ocupação dos Entrevistados
- Figura 30:** Gráfico da Renda dos Entrevistados
- Figura 31:** Gráfico do Valor da Renda dos Entrevistados
- Figura 32:** Gráfico da Origem da Água
- Figura 33:** Gráfico da Destinação do Esgoto
- Figura 34:** Gráfico da Destinação do Lixo
- Figura 35:** 1º Porteira do Quilombo
- Figura 36:** Parte da Trilha do Quilombo
- Figura 37:** Rio do Saco
- Figura 38:** Gráfico da Roça

Figura 39: Gráfico do Tipo de Plantação na Roça
Figura 40: Gráfico do Local da Plantação
Figura 41: Gráfico dos Fins de plantio
Figura 42: Plantação de Aipim
Figura 43: Plantação de Cana de Açúcar
Figura 44: Gráfico da Utilização das Ervas Medicinais
Figura 45: Gráfico dos Tipos de Ervas Medicinais
Figura 46: Gráfico dos Fins do Plantio das Ervas Medicinais
Figura 47: Gráfico das Plantas Utilizadas na Culinária
Figura 48: Gráfico do Cultivo de Frutas
Figura 49: Cultivo de Abacaxi
Figura 50: Cultivo de Fruta Pão e Banana
Figura 51: Criação de Peru
Figura 52: Criação de Porco
Figura 53: Criação de Peixe Tilápia
Figura 54: Criação Bovina
Figura 55: Criação de Gansos
Figura 56: Gráfico da Criação de Animais
Figura 57: Gráfico de Quais Animais são criados
Figura 58: Rastro/Pegada de Onça
Figura 59: Gráfico de Árvores Sagradas
Figura 60: Gráfico do Reconhecimento das Árvores
Figura 61: Gráfico dos Animais Silvestres
Figura 62: Gráfico da Presença de Animais em Lendas
Figura 63: Gráfico dos Objetos construídos a partir de matéria prima da natureza
Figura 64: Gráfico da Matéria Prima Coletada
Figura 65: O que é produzido pela matéria prima
Figura 66: Escultura de Madeira
Figura 67: Barquinho e Banco de Madeira
Figura 68: Casa de Estuque
Figura 69: Cesto feito com Cipó Timbopeva
Figura 70: Gráfico dos Principais Morros
Figura 71: Cachoeira da Usina
Figura 72: Poço 5 Metros
Figura 73: Gráfico da Existência dos Cursos de Rio
Figura 74: Gráfico do Nome dos Cursos de Rio
Figura 75: Gráfico do Componente Agradável da Paisagem
Figura 76: Gráfico dos Sons mais agradáveis
Figura 77: Gráfico do Lazer
Figura 78: Gráfico de Melhorias para a Comunidade
Figura 79: Gráfico da Palavra Chave
Figura 80: Entrega dos Resultados e Aprovação da Comunidade I
Figura 81: Entrega dos Resultados e Aprovação da Comunidade I

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Base de dados cartográficos

Tabela 2: Resultado das Práticas de Coleta da Comunidade

Tabela 3: Catálogo das Ervas Medicinais da Comunidade

Tabela 4: Catálogo dos Animais Silvestres pertencentes ao território da comunidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Objetivo geral	5
1.2 Objetivo Específico	5
1.3 Estrutura do Texto	6
2. ÁREA DE PESQUISA	7
2.1 A História do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel	7
2.2 A Atual Situação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel	17
3. REVISÃO DE LITERATURA	18
3.1. Percepção Ambiental	18
3.2 A Percepção Ambiental aplicada a Comunidades Quilombolas.	20
3.3 A Geotecnologia como facilitadora para a compreensão da relação entre Comunidades Tradicionais e a Conservação da Natureza	22
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	24
4.1 Acervo Teórico	25
4.2 Levantamento de Dados Cartográficos	25
4.3 Construção e Objetivo do Questionário Geral e Específico	26
4.4 Trabalho de Campo e Coleta de Dados	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.	27
5.1 Resultado da Análise dos dados Geoespaciais.	27
5.2 Resultado da Análise do Questionário Geral	31
5.3 Resultado da Análise do Questionário Específico	42
5.3.1 Primeiro Eixo: Perfil - Informações Socioeconômicas	42
5.3.2 Segundo Eixo: Relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a Produção Agrícola	47
5.3.3 Terceiro Eixo: Análise da Relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a Biodiversidade	56

5.3.4 Quarto Eixo: Relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a Paisagem e Lugar	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
8. ANEXOS.....	74
A - Questionário Geral.....	74
B - Questionário Específico.....	75
C - Parecer final do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID).....	79
D - Publicação no Diário Oficial da União da Regulação Fundiária.....	80
E - Aprovação da Comunidade relacionada aos resultados da Pesquisa.....	81
F - Termo de Autorização assinado pelos entrevistados.....	82

1. INTRODUÇÃO

Acima de tudo, resistência. O termo quilombo é considerado como uma extensão dos povos *lunda*, *ovimbundu*, *mbundu*, *kongo*, *imbangala*, etc, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire (MUNANGA, 1996, p. 58). No Continente Africano, especificamente na cultura bantu, o quilombo é considerado como uma instituição política e militar trans étnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação. Já no Brasil, o termo quilombo torna-se uma extensão do quilombo originado em África. Portanto, é proposto um movimento reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontram todos os oprimidos (MUNANGA, 1996).

De acordo com o artigo 68 da ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias) por meio da Constituição Federal de 1988, *aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos*. Isto é, seja quilombo ou quilombola, são comunidades e pessoas que existem e resistem até os dias atuais com suas práticas, cultura, ancestralidade e identidade que compõe o Brasil. O quilombo vai abrangendo novos sentidos de acordo com a extensão do Brasil, se distanciando do modelo africano sendo definido com diferentes sentidos a partir da sua dinâmica no tempo:

A partir do desmembramento dos quilombos do Tijuco e da Comarca do Rio das Mortes no século XVIII, o quilombo se redefine variando conforme a área geográfica, a repressão oficial e a diversidade étnica, que se torna cada vez mais comum quanto foi a política negreira de misturar povos de origem diversa. Neste século a proliferação de quilombos se faz em todo território das capitanias coloniais. A diferença básica entre estes e os do século XVIII está diretamente vinculada à impossibilidade de cada um em si representar um risco ao sistema. Nesse particular, tanto no século XVII quanto no século XIX, esta instituição procede como frinchas nos sistemas, muitas vezes convivendo pacificamente, que ao ser vista globalmente, ou seja, em todo o espaço territorial e em todo o tempo histórico, traduzia uma instabilidade inerente ao sistema escravagista. A oscilação das atividades econômicas, ora numa região, ora noutra, provocava muitas vezes o afrouxamento dos laços entre os escravos e senhores. A fuga passa a ser uma instituição decorrente desta fragilidade colonial e integrante da ordem do quilombo. O saque, as razzias, enfim o banditismo social, são a tônica que define a sobrevivência desses aglomerados. É assim que no Código de Processo Penal de 1835 o quilombo no sentido de valhacouto de bandidos se distingue de qualquer outra forma de contestação dos escravos. Mas se assemelha enquanto perigo à estabilidade e integridade do Império, sendo a pena para os seus integrantes correspondentes à mesma dos participantes de insurreições: ou seja, a degola. Neste período ele está inserido no chamado “perigo negro”, movimento que assim se denomina em função das guerras da Bahia e do Maranhão. Sindicâncias policiais são feitas de acordo com denúncias, muitas vezes não confirmadas. Em outras ocasiões são encontrados grupos sociais que desenvolvem nos quilombos intensas práticas religiosas. Como o Exemplo do quilombo de N.Sa. dos Mares e Cabula, em Salvador Outro dado importante do período é que os quilombos de grande porte se encontram em morros e periferias dos centros urbanos mais importantes como o de Catumbi, o do Corcovado, o de Manoel Congo, no Rio de Janeiro imperial. Muitos destes quilombos se organizam dentro de um arcabouço ideológico, ou seja, a fuga implica numa reação ao colonialismo. Já existe neste momento a tradição oral ao lado de referências literárias do fenômeno no passado (RATTS, p. 121-122, 2020).

Sendo assim, as comunidades quilombolas são consideradas como grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (FREITAS; RODY; MIRANDA, 2016). Com isso, é possível constatar que as comunidades quilombolas estão totalmente interligadas com o ambiente ao qual estão inseridas e o uso dos chamados recursos naturais englobam não somente a exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e simbologias que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais (DIEGUES, 2008).

Deve-se ter em mente que o início do percurso corresponde a compreensão de terra e território. Muitas das vezes essas duas palavras são confundidas, podem apresentar uma certa similaridade, com isso o engano se estabelece. Quando introduzimos as palavras 'terra' e 'território' e a relacionamos com a concepção de 'colonizado' e 'colonizador', é dada a partida para uma nova ideia e a intenção/percepção e o objetivo é captado. Na linguagem do colonizador - período colonial, Ocidente, Branquidade - é cabível relacionar o termo 'território'.

Já que é sabido que a lógica da colonização se estrutura a partir da invasão e exploração do outro que "foge" a lógica da branquidade, ou seja, se remete a lógica da posse, de firmar seu território diante desse outro, defender esse território, estabelecer os limites do mesmo e guerrear. Mas, pautado na percepção do colonizado, dos povos tradicionais que foram arrancados de suas raízes e que lutam até os dias atuais, temos a definição de terra. Neste caso, a palavra território é completamente nula. A palavra terra sugere não só a divergência frente a ideia de posse que a palavra território possui, mas aqui há também o valor simbólico e subjetivo (ACSERALD; VIÉGAS, 2013).

Para o melhor entendimento da questão a respeito da conexão direta da biodiversidade com os povos tradicionais é preciso que haja a imersão nos conceitos. A concepção de biodiversidade se originou no âmbito da Biologia da Conservação com Walter G. Rosen, do *National Research Council / National Academy of Sciences* (NRC/NAS), em 1985 (FRANCO, 2013). Por mais que a biodiversidade em última instância pareça ser dependente do processo biológico, a conservação da biodiversidade se estabelece no campo social e político, que pode ser ameaçador ou não para a preservação (ALCORN, 1993). Com a interferência direta que ocorre na conservação da biodiversidade através do campo social e político de acordo com a civilização estabelecida, ao voltar no tempo, percebe-se através de indicativos científicos que nosso planeta sempre foi habitado e a partir dessa ação cria-se a interação com o espaço gerando modificações através da história.

A conservação da biodiversidade não pode ser separada da utilização dos recursos naturais ao qual quase metade da população mundial ainda está inserida nessa apropriação (TOLEDO, 2001). Isto é, os possíveis impactos gerados pelos povos tradicionais não alcançam a extensão do que ocorre atualmente referente a chamada crise climática na dimensão mundial. Já que há a subsistência como principal norteador e não o acúmulo de riquezas e exploração desenfreada da natureza:

Cerca de 45 % da população humana mundial é classificada pela FAO como população rural (1991). Pode ser estimado que entre 60 e 80 % dessa população rural é representada por unidades na base de manejo multiuso da natureza (Toledo, 1990). De fato, os dados estatísticos mostram que em 1990 cerca de 1.200 milhões de pessoas praticavam atividades agrícolas em áreas de 5 hectares ou menos. Padrão similar é encontrado na pesca mundial onde cerca de 90 % são pescadores artesanais ou de pequena escala. A maioria desses camponeses e pescadores desenvolvem sua produção não como unidades familiares isoladas, mas como núcleos familiares pertencentes a povoados, muitos dos quais se inserem em culturas tidas como tradicionais. Mais ainda,

no centro desses produtores comunitários aqueles identificados como tradicionais são os que extraem a biomassa na base dos ecossistemas (TOLEDO, p. 5. 2001).

Sabendo que em nosso planeta existe uma série de fatores determinantes que também cooperam para influenciar o modo de vida dos indivíduos que integram determinado meio físico – como clima, vegetação, relevo, entre outros – e com isso, diferentes civilizações, povos se apropriam do mesmo. Mas, acima de tudo, os fatores determinantes como as interações sociais e políticas, moldam os costumes e práticas das sociedades. A identidade de cada povo é construída, simultaneamente a sua cultura, e esse fato diz muito também sobre como cada povo se conecta, interfere e molda a paisagem.

O campo social é parte essencial para a conservação da biodiversidade, mas, da mesma forma, entrega o conceito da cultura a partir dos povos tradicionais ali já estabelecidos, como a peça fundamental para a proteção da biodiversidade:

A diversidade biológica, no entanto, não é simplesmente um conceito pertencente ao mundo natural. É também uma construção cultural e social. As espécies são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas (DIEGUES, 1999, p.1)

Continuando com Diegues (1999), os povos tradicionais são tratados como tal por conta de certos aspectos que levam em consideração acima de tudo a identidade de cada povo em questão. Porém, outros critérios também são debatidos como a dependência e a simbiose com a natureza, os ciclos naturais; moradia e ocupação desse território por várias gerações; a importância das atividades de subsistência; a reduzida acumulação de capital; a importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e as relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; auto identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta, entre outras.

Neste cenário de comunidades tradicionais e biodiversidade, a região da Costa Verde localizada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, que engloba os municípios de Paraty, Angra dos Reis, Mangaratiba e Itaguaí, se desponta inclusive com Paraty e a Ilha Grande, declaradas como patrimônio natural cultural da humanidade. Para além de ter grande destaque por conta de suas paisagens, são significativas as comunidades tradicionais como caiçaras, quilombolas e indígenas que integram a história da região associadas ao contexto natural, vivendo da terra e do mar, mesmo em meio às dificuldades que se arrastam por décadas. Desde a expulsão de seus territórios, ocorrem o preconceito e invisibilização perante a sociedade e exclusão do desenvolvimento local. Dito isso, a Costa Verde carrega o histórico de apagamento cultural, é caracterizada pelo turismo predatório e a exploração de seus recursos naturais por meio de megaempreendimentos.

Em meio ao contexto de Mangaratiba situam-se duas comunidades quilombolas, o Quilombo da Ilha da Marambaia, localizado na Baía de Sepetiba; e o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, localizado no continente, que travam a luta incessante pela defesa de suas terras. Mesmo possuindo batalhas semelhantes no decorrer de sua história para continuar resistindo e ocupando seu território, essas duas comunidades são envolvidas por conflitos completamente distintos.

Considerando o caso do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, há uma grande pressão por meio da especulação imobiliária, da própria gestão pública e órgãos ambientais. Entraves na demarcação de seu território, manejo da terra e outras dificuldades relativas ao seu movimento de ir e vir. Portanto, se inicia a investigação para conhecer a história, identidade e

cultura do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel por meio de sua interação com a terra e biodiversidade.

1.1 Objetivo Geral

O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar como a comunidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, localizada no município de Mangaratiba, RJ, se relaciona com o meio em que vive, de modo a valorizar as suas práticas e contribuição para a conservação do patrimônio natural e cultural através do conceito da Percepção Ambiental.

1.2 Objetivos Específicos

- Realizar o levantamento documental e demais informações relacionadas sobre o contexto histórico e atual situação da luta territorial do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel;
- Compreender a união da comunidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a natureza;
- Analisar como a comunidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel ressignifica o meio físico ao qual está inserida através do conceito da percepção ambiental.

1.3 Estrutura do Texto

Para tratar da Percepção Ambiental da Comunidade Quilombola de Santa Justina/Santa Izabel, o texto está organizado da seguinte forma. O primeiro capítulo demonstra como os povos tradicionais são intrínsecos à natureza a partir de reflexões e o apoio de referências bibliográficas, trazendo mais à frente a elucidação da comunidade quilombola de Santa Justina/Santa Izabel localizada em Mangaratiba-RJ.

O segundo capítulo dialoga com o contexto histórico que a comunidade está inserida, sendo considerado o levantamento do acervo histórico de surgimento da comunidade para compreender a formação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel unido ao Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), assim como a investigação dos conflitos territoriais, seguido da influência dos mesmos na organização espacial e da própria luta territorial. Posterior ao esclarecimento, é abordado também o contexto presente da comunidade, a caracterização da paisagem ao qual a mesma pertence e os resultados do questionário geral promovido com as atuais lideranças da comunidade.

O terceiro capítulo apresenta a Revisão de Literatura, onde são apontadas as principais referências bibliográficas sobre o conceito norteador da pesquisa, o conceito de Percepção Ambiental, com o mesmo relacionado às Comunidades Tradicionais e referências bibliográficas pertinentes à Geotecnologia como grande colaboradora para o fortalecimento da luta e resistência das comunidades tradicionais.

Com o quarto capítulo são apontados os procedimentos metodológicos de pesquisa que buscam explicar o passo a passo da construção e execução da pesquisa. Onde são reunidos o acervo teórico, o levantamento dos dados cartográficos, a construção do questionário geral e específico e o trabalho de campo junto com a coleta de dados.

No quinto capítulo são evidenciados os resultados e discussões da pesquisa. Sendo assim, é exposto a análise e discussão referente aos dados geoespaciais apurados, a análise e o resultado do questionário geral e a análise e resultado do questionário específico.

Concluindo com o sexto capítulo, que se refere às considerações finais da pesquisa. Construindo a sintetização dos argumentos que foram desenvolvidos de acordo com a reunião dos resultados através do processo da pesquisa.

Portanto, a justificativa do trabalho se dá tendo em vista a presença de uma comunidade tradicional que luta pelo seu território desde o fim da abolição da escravatura e que por conta de certas problemáticas atuais, a mesma tem sofrido um movimento significativo de evasão pelos remanescentes pertencentes ao território quilombola. Apesar de conflito que aflige e perdura por décadas, é relevante demonstrar a sua importância para o município de Mangaratiba ao expor sua identidade, cultura, tradição e como a preservação da natureza está atrelada com o seu modo de vida.

2. ÁREA DE PESQUISA

A área de pesquisa tem como foco a apresentação da comunidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel no espaço/tempo compreendido em sua origem até a atualidade. Onde, para cumprir tal propósito, foram efetuados o levantamento de acervo documental baseado no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) assim como o apoio de bibliografias que se referem a pesquisas voltadas ao contexto histórico do município de Mangaratiba.

2.1 A História do Quilombo de Santa Justina e Santa Izabel

Com relação à cidade de Mangaratiba, há o curioso fato direcionado à superficialidade de como sua história é apresentada no geral, situada sempre sob o olhar do colonizador. Apesar do apagamento da identidade e participação dos verdadeiros protagonistas se fazerem presente, vem ocorrendo um movimento de releitura cultural em Mangaratiba para reconstruir a história e evidenciar as importantes figuras e todo contexto de forma completa.

Quando é permitida a entrada de outras vozes até então apagadas, um olhar mais verdadeiro é estabelecido perante a história. Os caminhos se dirigem para lugares que até então estavam escondidos e ocorre a reconstrução da justiça. Entender e contar a história de Mangaratiba a partir da luta e resistência do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel (figura 1) é um fato recente não só para a cidade, mas também para a própria comunidade que teve sua identidade ignorada pela gestão pública e pelo preconceito relacionado a ser e se reconhecer como remanescentes de quilombolas. Como tudo fora do contexto hegemônico dos colonizadores é tratado como folclore ou lenda; assim são os quilombolas e demais povos tradicionais existentes em solos brasileiros.

Figura 1: Mapa da Delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel



Fonte: Elaboração pela autora (2023)

Tendo como base o “*Resumo da História Econômica e Social de Mangaratiba*” (2015) elaborado pela historiadora Miriam Bondim em consonância com a Fundação Mário Peixoto, é exposto que o litoral de Mangaratiba era habitado pelo povo Tupinambá, que se estendia a partir de Ubatuba, localizada no litoral norte de São Paulo, até Cabo Frio, localizada na região dos lagos do Rio de Janeiro. A cidade já se introduz como uma grande potência para importantes acontecimentos na história do Brasil, começando com a Confederação dos Tamoios (1554-1567), uma marcante guerra de resistência dos povos originários contra a ocupação de suas terras pelos portugueses e o trabalho escravo. Em 1597, século XVI, onde se iniciou a exploração colonial, negros escravizados já haviam sido sequestrados do Continente Africano para substituir os indígenas.

Adiante, o ouro passa a substituir o açúcar como fonte de movimentação da economia nacional, se tornando o principal produto brasileiro e tal período se estabelece como o “século do ouro”. As autoridades governamentais da colônia se atentam a dar segurança e proteção à saída do precioso metal e ao combate da pirataria. Devido a presença de piratas na rota de Paraty-São Paulo, em 1730 é iniciada a ocupação de terras da antiga cidade de São João Marcos, localizada serra acima. Esse caminho passou a ser chamado como “Caminho Novo” e posteriormente se transformou na “Estrada Real de Santa Cruz”.

Com a doação das sesmarias, a coroa portuguesa incentiva colonos a se instalarem nas matas e construir fazendas para fortalecer a segurança do local. A terra até então ocupada começa a demonstrar riquezas a partir do final do século XVIII com a produção de milho, cará, feijão e a criação de suínos, com destaque ao café. O protagonismo do café em Mangaratiba se inicia a partir do ano de 1780, em 1810 já se estabelece a negociação nos portos do Rio de Janeiro. O movimento de escoamento de café do médio-paraíba e da antiga cidade de São João Marcos ocorria através da Serra do Piloto até o Porto do Saco, atual Praia do Saco.

A partir da expansão do café no Vale Paraíba em 1830, simultaneamente a esse giro na economia, vem outra “atividade econômica” que movimentou a região sul fluminense, o intenso comércio de escravizados que se desenvolveu na região. No século XVIII, é constatado o crescimento da população de negros escravizados trabalhando na região da Costa Verde, como é demonstrado a seguir a plantação de arroz localizada na Fazenda Ingaíba (figura 2):

Figura 2: Registro de homens escravizados na plantação de arroz



Fonte: RTID (2021)

A história do legado cafeicultor e escravocrata em Mangaratiba se inicia com a chegada da Família Breves. Direto de Açores, Portugal, para o Brasil:

A partir da década de 1830 a economia do café começava a se expandir por todo Vale do Paraíba. Ao mesmo tempo estava em construção a fortuna dos Souza Breves. Donos de inúmeras fazendas ao longo do Vale, os irmãos Joaquim e José Breves cultivavam juntos boa parte do café exportado pelo Império do Brasil. Estudos memorialísticos e historiográficos que se dedicaram a pesquisar o século XIX, apontam que os Breves compunham uma das famílias mais opulentas do Brasil Imperial, somando inúmeras propriedades com cerca de 6.000 escravos (CARVALHO, 1987, p. 6 apud PESSOA, p. 2, 2009)

José Joaquim de Souza Breves tinha como sua posse a Fazenda de Santa Rita do Bracuí, na antiga freguesia da Ribeira em Angra dos Reis. O local serviu por muitos anos como porto seguro para o desembarque de diversos povos africanos após a proibição em 1831, com a Lei de 7 de novembro de 1831, que declarava livres todos as pessoas escravizadas vindas de fora do Império, e impôs multas aos importadores dos mesmos. No final da década de 1840, é adquirido um complexo de fazendas na Restinga da Marambaia, onde também funcionava como ponto estratégico para esconder os chamados “negros novos” e engordá-los. Conhecido como

o “rei do café” e por ser o maior escravocrata do Brasil, estamos diante da maior escravaria do período Imperial (PESSOA, 2009).

Em 1837, ocorreu o aumento da produtividade dos fazendeiros da região de São João Marcos, Piraí, Resende e demais áreas produtoras de serra. Com o crescimento das plantações de café na região, seu irmão Joaquim José Breves se estabeleceu nas localidades de Mangaratiba e construiu os armazéns de café que hoje se localizam no bairro Nova Mangaratiba chamado como Parque das Ruínas do Saco, que funcionou por três décadas. Com essa integração do sistema portuário do Saco em Mangaratiba, se torna o principal porto de escoamento das riquezas do país. A família Breves detinha posse de mais de 30 fazendas desde a Costa Verde até São João Marcos e Pinheiral, no Vale do Paraíba.

A Fazenda Cachoeirinha – atual Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel – ainda não estava sob o domínio da família Breves, mas seus armazéns e plantações de café se localizavam nesta região, engrandecendo cada vez mais os seus negócios, ganhando evidência. E claro, a plantação era equivalente ao número de escravizados que eram explorados nesse sistema. Com a chegada da estrada de ferro no ano 1864 em Piraí, nas localidades da Serra do Mar, fica mais fácil e barato de transportar o café do Vale do Paraíba para o Rio de Janeiro, resultando na baixa do Porto do Saco. Mais adiante, em 1888 é deliberada a abolição da escravidão, e Mangaratiba sofre uma grande queda em sua economia por conta que os fazendeiros utilizavam a força de trabalho dessas pessoas que eram escravizadas.

A condição dessas pessoas, ao serem libertadas por conta da força maior da Abolição da Escravidão, não mudou tanto. A lei pode ter efetuado as condições para a liberdade, mas não foi garantido a sua inserção na sociedade junto com o reconhecimento de seus direitos. Essa sistemática sem escapatória é conceituada através da manutenção de velhas e novas formas de domínio senhorial:

As tentativas de extensão do tráfico atlântico e interno de escravos e as dificuldades de manutenção do status de liberto e de segurança social daqueles que haviam logrado obter a alforria ou que haviam chegado ao Brasil no período da ilegalidade do tráfico. Nesse sentido, o universo de pessoas escravizadas, libertas e livres de cor era unificado pela precariedade da liberdade, conceito cunhado por Henrique Espada Lima, que vem sendo utilizado tanto para ressaltar as condições de vida e trabalho como para qualificar o estatuto de libertos e seus descendentes no século XIX. Ao focar tanto na violência cotidiana das relações sociais permeadas pela escravidão quanto na criação de novas formas de paternalismo, tema de longa tradição no pensamento social brasileiro, esses estudos vêm buscando observar em mais detalhe as possibilidades de obtenção da liberdade e o fenômeno da escravização ilegal ou da reescravização de libertos e negros livres no Brasil oitocentista (MAMIGONIA, GRINBERG; p. 4, 2021).

A economia é recuperada apenas em 1914 com a introdução da linha de ferro do Rio de Janeiro que é integrada ao litoral da Costa Verde, ocasionando assim no investimento da lenha e carvão, na plantação de bananas e os trens de carga – chamados de macaquinhos – começam a transportá-las, fomentando também o aquecimento turístico, surgindo loteamentos e balneários. Em 1915, já com Victor de Souza Breves, neto de Joaquim José de Souza Breves, inicia-se a implementação do sistema de distribuição de energia elétrica, obras de distribuição de água, captação de esgotos e saneamento básico sendo instalado e operado pela empresa “Força e Luz Mangaratiba”, nas terras da atual Fazenda Santa Izabel, enfatizando que foi antes da compra da Fazenda Santa Justina. Com 1924 é feita a compra da maior parte da antiga Fazenda Cachoeirinha em nome da Empresa Santa Justa, formando a Fazenda Santa Justina.

Logo depois é feita a “doação” de algumas áreas para os descendentes dos escravizados residentes para trabalhar de meia no bananal e na fábrica da “Bana-Tita”, ou “Bananada Tita”,

e manteiga “Deya”, chamando também em seguida alguns agricultores migrantes de outras fazendas do entorno para completar a força de trabalho. Segue abaixo em destaque o registro das ruínas da estufa de banana e da hidrelétrica que movimentava a empresa “Força e Luz”, feito por meio do trabalho de campo no dia 14 de janeiro de 2023 (figura 3 e figura 4).

Figura 3 - Ruínas da Estufa de Banana



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 4 - Ruínas da Hidrelétrica que movimentava a Empresa “Força e Luz”



Fonte: Registro feito pela autora (2022)

Com o processo pós-colonial, os descendentes das pessoas que foram escravizadas permaneceram na Fazenda Cachoeirinha (atual Fazenda Santa Izabel) para trabalhar e continuar estabelecidos no local já que não tinham para onde ir, pois a Lei de Terras de 1850 não implementou a divisão das terras de forma horizontal entre todos. Isto é, apenas através da compra é que seria possível obter a posse da terra. Excluindo pequenos produtores pobres e negros futuramente libertos de terem acesso à terra (ROCHA, IBRAIM, *et al.* 2010, p. 62). Uma grande estratégia para continuar introduzindo essas pessoas à margem da sociedade.

Como é colocado pela Geógrafa Tatiana Ferreira em sua apresentação no “*Workshop Mapeamento Participativo e Cartografia Social 2022*”, onde a autora traz a sua experiência ao trabalhar o mapeamento participativo com o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel em sua pesquisa de doutorado e ressalta sobre a causa principal da problemática da comunidade:

“A abolição no Brasil se consolidou em 1888, porém isso não significou uma melhor condição de vida para os negros. Pelo contrário, não lhes foi dado terra e nem trabalho assalariado e foi privilegiado a vinda de migrantes brancos para o país” (2022).

No documentário *“Quilombo, Luta e Liberdade”* (Guillermo Planel Filme, 2022), o Sr. Manoel Firmino, ancião do quilombo de Santa Justina/Santa Izabel que teve a sua avó escravizada, diz nos minutos iniciais do vídeo: *“Eu nasci escravo, me tornei escravo e sou escravo até hoje. Por que não tem liberdade”*. Esta frase, que impressiona logo na introdução do documentário, simboliza muito bem a situação dos atuais remanescentes e a problemática central do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. O passado ainda se revela muito presente no contexto atual da comunidade de Santa Justina/Santa Izabel, a escravidão se mantém com a mesma configuração, mas com diferentes aparatos.

A ocupação dos descendentes dos ex-escravizados era permitida apenas por conta do trabalho braçal – seja feito através da Fábrica da Bananada Tita; a venda de banana; a empresa Força e Luz ou o engenho de açúcar – que era efetuado dentro das terras e mesmo assim havia várias restrições com relação ao seu direito de ir e vir. A configuração da exploração se baseava na lógica do colonato e da meia, ou seja, deveria ser vendido pelo parâmetro do explorador e caso houvesse discordância, as ameaças de despejo eram postas. Apesar de estarem formalmente livres, encontravam-se excluídos e marginalizados pelos latifundiários que buscavam mão de obra pelo trabalho livre, rejeitando a existência do negro na condição de homem livre (AMORIM; TÁRREGA, p. 19, 2019). Como é relatado pelo remanescente quilombola, no documentário:

“A nossa resistência do passado era uma resistência para sobreviver dignamente. A banana então, como se diz, pagava-se o que queria e era meia. Só que tinha um detalhe muito importante que vocês precisam saber. 50 a 100 caixas de banana. 50 do fazendeiro, o carvão também, e a banana a mesma coisa. Só que, eu pegava os 50 do fazendeiro entre 100, entregava mas 50 tinha que negociar com ele. Pagava o que ele queria. Entendeu? Só que, aí como que diz o senhor vai fazer uma compra pra sustentar 18 filhos que era os filhos que o meu pai tinha?”

Segue também o trecho da entrevista que o Sr. Antenor concedeu ao Relatório Técnico de Identificação e Delimitação dos Remanescentes (RTID) dos Quilombos de Santa Justina e Santa Izabel:

“- ... trabalhei pra Victor Breves até ele morrer, quando ele morreu o Zomar veio e tomou conta.
- Zomar botou pra frente?
- Iiih, rapidinho cabou tudo. Foi cabando, cabando... os bois foram acabando... aí eu fui falar com ele, pra fazer a terça da banana, e ele disse ‘não, a terça eu não aceito não, eu aceito a meia’, eu digo ‘olha, meia?? Aqui não!’... então foi aí que começou a confusão, mas foi uma confusão total”

Logo mais, em meados do século XX, o turismo se torna a principal fonte de movimentação da economia de Mangaratiba por conta da abertura da estrada de rodagem RJ-14 e da Rodovia BR-101 (Rio-Santos). Com isso vários empreendimentos imobiliários surgem

na cidade conduzindo para uma crescente população de veraneio e uma grande mudança na paisagem referente a construção de hotéis, resorts e interesse nas fazendas ali existentes.

Em 1998 é implementado o Resort Portobello, localizado na parte mais valorizada da Fazenda Ingaíba, que se encontra ao lado da Fazenda Santa Justina. Tendo o intuito de atrair pessoas com alto poder aquisitivo contando com um aeroporto particular e grandes mansões, sem mencionar a restrição da praia para outros públicos, a classe mais popular. Com isso, mais projetos como esse vão se expandindo por Mangaratiba e o interesse da especulação imobiliária cerca a paisagem natural. E é claro que essa movimentação também chegaria às localizações atuais do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel.

Em 1985, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) iniciou a vistoria dos imóveis de Santa Justina/Santa Izabel para executar a desapropriação para a reforma agrária. Pois no final do século XX, o negócio da banana não se sustentava mais e os descendentes da Família Breves abandonaram as plantações, ficando apenas os descendentes dos ex-escravizados junto com os agricultores migrantes.

Portanto, com a entrada do ano 1986 é comunicado à empresa de Santa Justa a reclassificação do imóvel, de *empresa rural* para *latifúndio por exploração*. Com isso, em março de 2004, o Movimento Sem Terra (MST) ocupa a Fazenda Santa Justina e por desistência do pleito, em 2006, o MST se retira do local por entender que o local seria insuficiente para abrigar todas as famílias ali que se inseriram.

Outro obstáculo inesperado surge para os remanescentes já em 25 de junho de 2008, a Ecoinvest Desenvolvimento Empresarial Ltda adquire a Fazenda Cachoeirinha (atual Fazenda Santa Justina e em 23 de outubro de 2008, o Sítio Santa Izabel – que foi desmembrado da Fazenda Santa Izabel – foi dividida em três sítios: Santa Izabel, Santa Paula e Sítio do Engenho, demonstrado (figura 5) a seguir:

Figura 5 - Croqui da repartição de Santa Justina/Santa Izabel retirado do RTID



Fonte: RTID (2021)

Como consequência das aquisições, conforme os registros datados no cartório – ainda incompletos – a Ecoinvest tornou-se proprietária de uma área total de 1.358,53 hectares. Logo mais são construídas guaritas, onde seguranças armados bloquearam a entrada e saída dos quilombolas de Santa Justina/Santa Izabel. Como é registrado no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), há a ocorrência dos sítiantes serem impedidos também de fazer reformas em suas próprias casas e mais uma vez, segue a recorrente ação do seu direito de ir e vir serem bloqueados.

Entre os conflitos com os fazendeiros, os decorrentes da chegada da especulação imobiliária e sem ao menos ser notificada da mudança da titulação das terras, o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel inicia o entendimento de que a luta sempre existirá, mas que ficará mais fácil a partir da união de todos e da valorização de sua própria identidade que está relacionada integralmente com a história de Mangaratiba e que muito tem de importante, pois foi com a força de seu trabalho que a história da cidade foi erguida.

Para iniciar o processo de seu reconhecimento e da luta a favor de seus direitos no âmbito do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), são necessários os seguintes: **1)** Abertura do processo pelas Superintendências do Incra por pedido dos quilombolas ou por iniciativa do próprio Incra; **2)** Certidão da Fundação Cultural Palmares, dando início ao processo de titulação, a comunidade deve obter junto à Fundação Cultural Palmares a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos; **3)** Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, o RTID tem por objetivo identificar o território quilombola e é elaborado pela Superintendência Regional do Incra. É formado por vários estudos: o relatório antropológico, o levantamento fundiário, o mapa e o cadastro das famílias; **4)** Análise pelo CDR, o RTID é avaliado pelo Comitê de Decisão Regional (CDR) do Incra. O Comitê pode aprovar o relatório e liberá-lo para publicidade. Pode também rejeitar o estudo e exigir revisões ou complementações; **5)** Diferentes situações, diferentes caminhos. O RTID demonstra os limites do território quilombola e qual a sua situação jurídica. Cada território possui uma situação jurídica particular, podendo incidir em terras públicas federais ou estaduais, áreas particulares, terrenos de marinha, unidades de conservação e áreas de segurança nacional. Em cada situação, um procedimento diferente deverá ser adotado para a emissão do título (CPISP, 2015).

Outra forma de conseguir apoio foi através de alianças criadas com outros quilombos em especial com o Quilombo da Marambaia, localizado na Ilha da Marambaia, que já possui seu reconhecimento por meio da Fundação Cultural Palmares e detém a delimitação através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) onde também enfrentou e ainda enfrenta variados conflitos em seu território. Ressaltando também a participação e apoio fundamental da diretoria da Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombo do Estado do Rio de Janeiro (ACQUILERJ), pesquisadores de universidades, imprensa, ambientalistas que abraçam a causa socioambiental, entre outros.

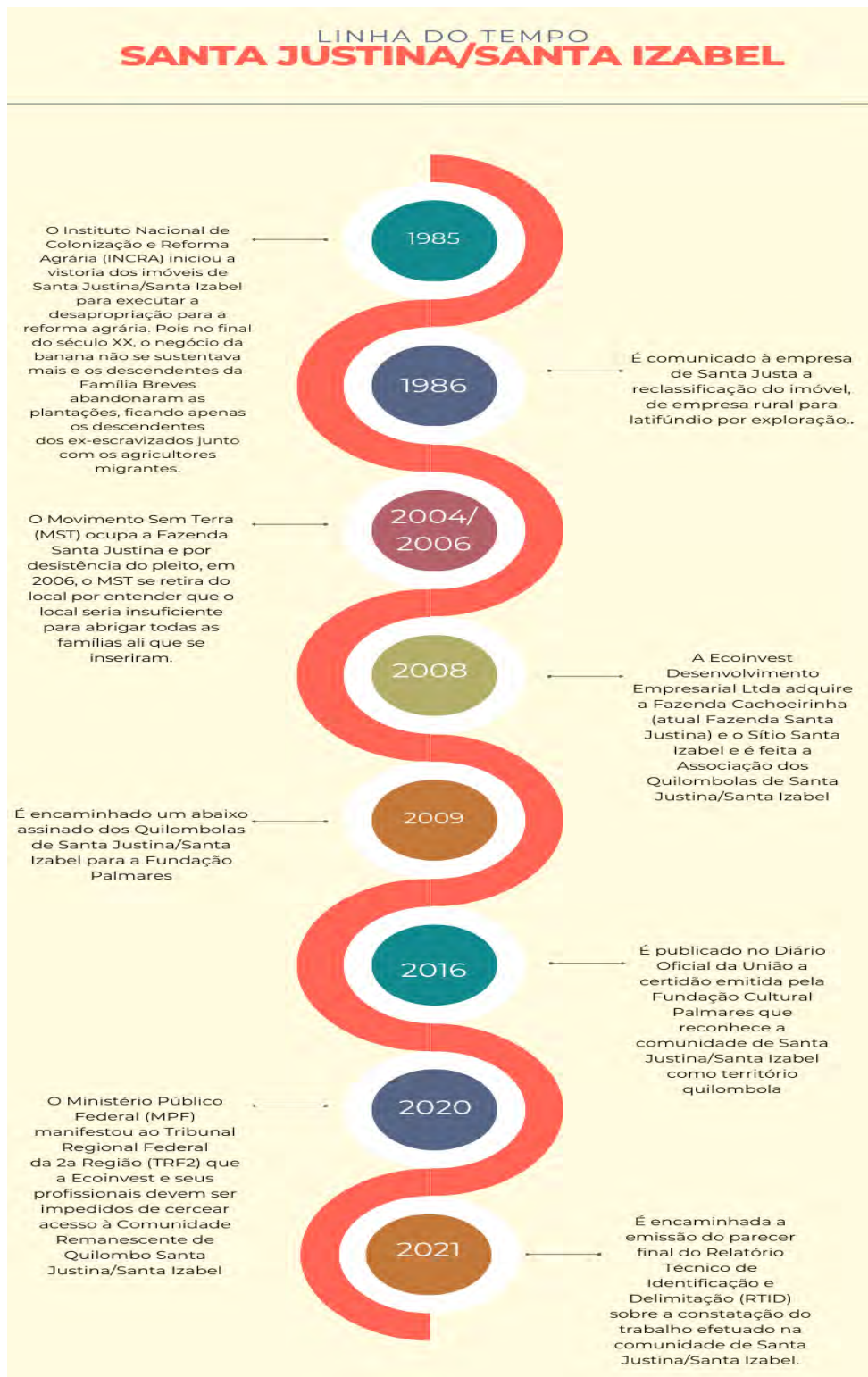
Porém, por mais que haja também o destaque para os ambientalistas em geral, vale expor que o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel possui conflitos com os órgãos ambientais locais por conta da dificuldade de diálogo e pelas formas diferenciadas de entendimento do meio ambiente. O contexto dos órgãos ambientais acaba sendo referente a própria gestão pública de Mangaratiba, demonstrando a estrutura de poder que ainda perdura no município, denominado como Coronelismo. Muito presente em cidades pequenas – como é o caso de Mangaratiba –, o coronelismo ou “mandonismo” se caracteriza como a figura de pessoas que são tidas como chefes locais por possuírem grande poder aquisitivo. Com isso, a gestão pública ao invés de ser independente e tratar todos como iguais, acaba cedendo maior privilégio para essas pessoas. O poder municipal se transforma em conivente dos referidos "coronéis" da região.

Sobre os transtornos causados pela invasão da Empresa Ecoinvest Desenvolvimento Empresarial que é caracterizado como a problemática da especulação fundiária, em 22 de abril

de 2020 o Ministério Público Federal (MPF) manifestou ao Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) que a mesma e seus profissionais devem ser impedidos de cercear acesso à Comunidade Remanescente de Quilombo Santa Justina/Santa Izabel, em Mangaratiba - RJ. Contando com indenização por danos morais coletivos à comunidade, alvo de atos abusivos.

Atualmente, o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel está com o processo de regularização fundiária em andamento para conseguir a titulação definitiva conforme foi publicado no Diário Oficial da União (anexo D) em 10 de Junho de 2021. Em seguida, é encaminhada a emissão do parecer final do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) sobre a constatação do trabalho efetuado na comunidade de Santa Justina/Santa Izabel (anexo C). Onde é comprovado a partir da planta, memorial descritivo, a reprodução física, social, econômica e cultural da comunidade. Segue a linha do tempo do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel (figura 6).

Figura 6 - Linha do tempo da comunidade



Fonte: Elaborado pela Autora (2023)

2.2 A Atual Situação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel

Após compreender como a história do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel está integrada com a história de Mangaratiba e expor os conflitos territoriais seguido da influência deles na localidade e da própria luta territorial do quilombo, é interessante abordar como a comunidade está situada no presente.

Como foi colocado anteriormente, a união das duas fazendas Santa Justina e Santa Izabel formam o território como um todo (1.358,53 ha) e o termo que descreve o entendimento referente à apropriação de terra pela comunidade é o *sítio*. O *sítio* para os remanescentes é um lugar dentro da fazenda acordado ou dado pelo fazendeiro ao *sitiante* para que assim seja explorado e trabalhe muito mais do que deveria receber em troca do trabalho com a banana referida ao pagamento da meia.

O *sítio*, lugar que foi trabalhado durante a vida inteira, é passado de pai para filho e assim sucessivamente depois que se fez a plantação do bananal e se manteve produtiva, com isso o *sítio* já é do *sitiante*. A vida dedicada ao *sítio*, entre os quilombolas, significa a posse integral do mesmo. A situação presente é relatada na passagem da entrevista do Seu Antenor para o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) dos Remanescentes dos Quilombos de Santa Justina e Santa Izabel:

- “- Então o Sr. ganhou um *sítio* do Victor Breves?
- Aqui nada foi de graça.
- O *sítio* foi pago?
- Foi pago.
- Com o trabalho?
- Com trabalho... e o bananal?” (p. 125).

A partir do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel também é possível identificar a caracterização agroambiental do território da comunidade. Com uma área de várzea de aproximadamente 300 hectares, acompanhando a margem direita do Rio do Saco que se eleva a oeste pelas encostas da Serra do Gaspar e ao norte pelas encostas da Serra da Cachoeira, cujo ponto culminante está a 838 metros de altitude. A várzea do território é ocupada em sua grande maioria por pastagem, mas há também a presença de grande cobertura florestal de ombrófilas densas nos campos de altitude e na baixada - característica predominante da Mata Atlântica -. É importante frisar a existência de uma pequena área de manguezal próximo do local onde o Rio do Saco cruza a BR-101, que está preservada pela comunidade e pode ser comparado com a outra parte do manguezal, onde é concentrada a falta de planejamento urbano e encontra-se degradado.

Há a sobreposição com a Área de Proteção Ambiental de Mangaratiba (APAMAN), criada por meio do Decreto Estadual nº 9.802, de 12 de março de 1987, servindo de Zona de Amortecimento e a sobreposição com o Parque Estadual Cunhambebe (PEC), criado através do Decreto Estadual nº 41.358, de 13 de junho de 2008. Contando também com a sobreposição das RPPNs denominadas Reserva Particular do Patrimônio Natural Cachoeirinha, criada a partir da Portaria de criação: IBAMA nº 22/99-N de 23 de fevereiro de 1999 com 650 Hectares de área e situada na Fazenda Santa Justina, estrada Rio Santos Km 43,5 no 1º Distrito de Mangaratiba e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Santa Izabel, Portaria de criação: IBAMA

nº 05/96-N de 23 de Janeiro de 1996 com 525 Hectares de área e situada na Fazenda Santa Izabel, no município de Mangaratiba.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Para o encaminhamento do trabalho, foram abordados os conceitos de Percepção Ambiental, a Percepção Ambiental aplicada a comunidades quilombolas e a Geotecnologia como facilitadora para a compreensão da relação entre Comunidades Tradicionais e Conservação da Natureza.

3.1 Percepção Ambiental

No dicionário, o significado de Percepção se estabelece da seguinte maneira: 1. Ato ou efeito de perceber; 2. Faculdade de apreender por meio dos sentidos ou da mente; 3. consciência (de alguma coisa ou pessoa), impressão ou intuição. Para além desta compreensão, a ideia de “percepção” atua no entendimento de como o sujeito a estruturou o que foi sentido a partir de sua cognição. Tendo o mundo a partir de sua perspectiva, o indivíduo associa a sua percepção através de seu viés cultural. Como por exemplo, uma exposição de arte está aberta ao público e variadas pessoas fazem visita, logo, é compreensível que ali estão pessoas diferentes, que vêm de lugares diferentes, com bagagens culturais diferentes. Com isso contribuem para existir a possibilidade de ocorrer múltiplas interpretações sobre a obra de arte em exposição. Assim é a experiência do indivíduo com o mundo que habita, partindo sempre de sua experiência, a partir de onde vivem e como vivem, como se relacionam com o seu meio.

A partir das teorias do conhecimento, existem variadas correntes que podem explicar a origem das sensações e da percepção humana, como a corrente empirista, retrata que o conhecimento do mundo exterior é alcançado através da experiência que se adquire por meio dos sentidos (CHAUÍ, 2000); a corrente intelectualista, onde é colocado que nem todo conhecimento pode ser baseado no mundo externo, contrapondo a corrente anterior (MARCONDES, 2001) e a corrente fenomenológica, que integra a percepção e sensação a partir do ato psicológico (SALA, 2018). Sendo possível interpretar o mundo de acordo com os valores éticos e morais, interesses de cada indivíduo (CHAUÍ, 2000).

A percepção direcionada para o meio ambiente é abordada a partir da década de 60, a começar com o geógrafo humanista Hugh Prince, que se apoiava nas artes, literatura e ciência enquanto percebia a dificuldade da geografia em apreender que a visão subjetiva não tinha lugar; em seguida, com Kevin Lynch, a partir da visão anti urbanista focou no indivíduo e na sua visão ambiental, equilibrando assim a relação de homem e natureza; logo mais com Lukermann, que se baseava em uma abordagem do contexto histórico e cultural ao promover a análise empírica através do lugar; posteriormente com William Kirk, onde sugere a união da apreensão subjetiva à objetiva com a perspectiva comportamental e fenomenológica da realidade diretamente na geografia e Leonard Guelke, que constrói a crítica relacionada à geografia comportamental e analítica a partir da percepção ambiental e cultural (AMORIM; MACEDO, 2020).

A partir deste fato, Yi Fu Tuan (1930-2022) foi um importante geógrafo e fenomenologista que concebeu o conceito de percepção ambiental a partir do âmbito cultural que concerne muito bem para casos específicos de comunidade tradicionais e da compreensão de como as mesmas se fundem ao meio físico por meio de sua história, cultura e experiência, criando uma nova lente que transforma o meio físico em lugar. Com isso, logo em seguida, Tuan traz uma abordagem integrada ao conceito de percepção ambiental, um sentido mais

abrangente para esta concepção referente ao conceito “Topofilia”, complementando-se assim ao conceito de “Percepção Ambiental”.

Essa ideia que o direciona a tal definição, parte de seu interesse em compreender as variadas formas que o meio físico pode ser apreendido de acordo com o sentido - significação, interpretação - do indivíduo e cria-se a determinação de lugar. Independente da localidade, cada indivíduo terá um elo afetivo, um apego ao lugar e um sentido singular ao lugar em geral. A concepção de Topofilia percorre o caminho da contemplação e a partir deste entendimento, o indivíduo concede o valor simbólico ao meio físico transformando-o em seu lugar. Sendo percebido e vivido a partir de seus valores e tradições culturais. Assim é colocado em sua obra *“Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente”* (1974):

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, p. 107, 1974)

Os aspectos subjetivos do indivíduo com o meio ambiente natural são colocados em questão, englobando os seus sentimentos perante a natureza, o meio físico no imaginário social, memória e cultura. A experiência individual e suas nuances que ao serem compartilhadas, produzem um território em comum, transformando o meio físico em lugar.

No caso, o meio físico exerce uma influência maior no indivíduo, ocorrendo o estímulo sensorial, despertando os sentimentos topofilicos. Em sua obra, Tuan identifica como os homens variam de acordo com o seu momento histórico, como constroem sua relação com o meio físico e assim estabelecem os seus valores. O elo da relação pessoa-natureza, que caracteriza os diferentes valores perante a conservação e biodiversidade, saindo da zona de valoração ambiental econômica.

O conceito de percepção ambiental é considerado como um fundamento importante para explorar a relação entre o homem e a natureza, situando as formas individuais de percepção e sentido. Ao ser relacionado aos povos tradicionais, colabora na demonstração da relação intrínseca - cognitiva e emocional - dos mesmos com a biodiversidade e sua atuação incessante para a preservação através do manejo pautado no seu saber ancestral. Isto é, através deste estudo é possível traçar novas estratégias para compreender como se dá a interação das comunidades tradicionais com o meio ambiente. Existe a possibilidade de cooperar para a proteção dos povos tradicionais e ainda construir uma rota de assimilação da identidade da comunidade perante a natureza e assim explorar sua cultura e história.

A temática da percepção ambiental começou a ser abordada no Brasil a partir da década de 70 através da Professora Livia de Oliveira, (CECHIN e LIMBERGER, 2011 apud SANTOS, 2020) ao traduzir as obras de Tuan para o português. Pertencente ao quadro do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, foi responsável por introduzir os trabalhos sobre essa temática na Geografia durante o início da década de 1980 (GUIMARÃES, 2009 apud SANTOS, 2020). Algumas pesquisas acadêmicas vêm ao longo dos anos investigando o conceito da Percepção Ambiental aliado a diferentes temáticas. Uma das primeiras obras a unir um grande acervo de publicações que abordavam o conceito de percepção ambiental no Brasil se deu através de Oliveira e Rio (1999), onde foi colocada a percepção ambiental sob a perspectiva brasileira a partir de diversos casos com discussões de caráter

teórico ou metodológico resultante dos processos de percepção, cognição, julgamento e expectativa de cada indivíduo abordado.

Por mais que haja uma ideia inicial da Percepção Ambiental, a partir da virada humanística que ocorreu nos estudos da temática, o conceito de espaço atrelado a mesma se expande para além do pensamento cartesiano. Com isso, a Percepção Ambiental passa a compreender o mundo de acordo com as experiências pessoais e relacionar essa nova visão com a cartografia a partir da crítica da visão marxista e perspectiva humanística gerando assim os mapeamentos humanísticos, que enfatizam a experiência individual como única medida para o mundo real (OLIVEIRA; RIO, 1999). Com isso, o conceito de percepção ambiental se torna o canal de avaliação acerca de como os indivíduos que integram a sociedade, detêm seus conceitos e valores de acordo com a compreensão de suas próprias ações e a partir de sua sensibilidade (CORONA; OLIVEIRA, 2011).

Lívia de Oliveira (1927-2020), sistematizou grande conhecimento sobre a Geografia Humanística no Brasil simultaneamente ao diálogo com o autor Yi Fu Tuan. Relacionando assim a percepção com o meio ambiente (MARANDOLA; CAVALCANTE, 2017). Com esse estabelecimento do conceito de percepção ambiental em solos brasileiros, tal concepção se torna também um fator determinante para investigar como a população se relaciona e percebe as chamadas Unidades de Conservação (UC's). Imperando também na participação da comunidade com a elaboração de propostas que podem ajudar a solucionar problemas referentes ao gerenciamento da UC destacada, pois, todo indivíduo interpreta de maneira distinta um mesmo componente, o mesmo pode ser compreendido na lógica de visitação das UC's (SOUZA, 2017).

O conceito de Percepção Ambiental também se faz presente como um grande aliado da educação ambiental, já que a partir desse viés é possível inserir capturar os sentidos e entendimento dos estudantes com suas diferentes realidades e a partir disso implementar a conscientização sobre a importância da natureza e de sua preservação sobre diversos contextos e olhares (TEIXEIRA; DOMENEGHI; PEREIRA, 2016).

3.2 A Percepção Ambiental aplicada a Comunidades Quilombolas

Para além de apenas explorar o conhecimento das comunidades quilombolas sobre o meio em que vivem, o conceito de percepção ambiental pode ser incorporado em diversos sentidos e ainda assim auxiliar no direcionamento de ações voltadas à colaboração para preservação da natureza e a troca de saberes. Também é apontada como um bom argumento para legitimar o território a partir do sentimento de pertencimento da comunidade quilombola em questão.

O contato do conceito de percepção ambiental direcionado as comunidades quilombolas demonstra o quanto as perspectivas das mesmas são apagadas e marginalizadas. Como as comunidades quilombolas se relacionam e estão integradas ao meio, se tratando do manejo da espécie e a elaboração do perfil socioeconômico da comunidade em questão (ALVES; NISHIDA, 2003). O trabalho da construção da percepção ambiental é importante também para, a partir do conhecimento ancestral, ter a avaliação do impacto das atividades humanas tal qual sua própria relação com o meio através de quem sempre protegeu e conservou a natureza (CALDAS; RODRIGUES, 2005).

Através do conceito de percepção ambiental, de uma maneira mais profunda, é possível promover a investigação dos aspectos socioeconômicos das pessoas pertencentes às comunidades quilombolas. Com isso, por meio de questionários que analisam a situação socioeconômica junto com o conhecimento ecológico do indivíduo (DIAS; ROSA;

DAMASCENO, 2007), a percepção ambiental também se demonstra como grande aliada das populações tradicionais.

Para além, a percepção ambiental poder ser considerada também como o caminho para fazer o levantamento dos valores, conhecimentos e expectativas de determinado local a partir dos atores sociais relacionando assim com a avaliação do impacto das atividades antrópicas em determinada localidade (SUESS; BEZERRA; SOBRINHO, 2013). E atravessando o campo da proteção ambiental, vão surgindo novos valores como os valores ecológicos, sócio econômicos, morais, políticos, estéticos, valores intrínsecos e extrínsecos à paisagem. Sendo capaz de compor o desenvolvimento territorial sustentável por meio destes valores (ANTONIO, 2013). Novamente com elementos pertencentes a paisagem, é válida a construção de um diagnóstico ambiental pautado na visão das comunidades tradicionais a partir do conceito de percepção ambiental. Como por exemplo, a situação do riacho localizado em Mato Grosso de acordo com o povoado quilombola que está inserido neste mesmo contexto (MARTINS; MARTINS; MARQUES, 2014).

Prosseguindo, referente ao conceito de percepção ambiental atrelado às comunidades tradicionais, os recursos naturais podem ser elencados a partir de três categorias: **1)** Aspectos relativos à valoração ambiental simbólica, que enfatiza preferências socioculturais na perspectiva dos valores humanos, atitudes e crenças; **2)** Aspectos relativos à valoração ambiental econômica, que atividades como o extrativismo, turismo e recreação permeiam motivos para valoração econômica em comunidades tradicionais que, somados aos seus valores simbólicos, culturais, religiosos, podem agregar ainda mais valor às atividades econômicas desenvolvidas; e **3)** Territorialidade e gestão ambiental participativa, que estuda como essas comunidades percebem o seu meio é uma ferramenta importante para uma gestão ambiental mais coerente, uma vez que esta perpassa normas e legislações, sendo o fator humano, elemento essencial neste processo (BRITO; FARIAS; QUINELATO; SILVA, 2021).

O conceito de percepção ambiental se torna um grande aliado para demonstrar como a comunidade conduz o seu próprio território e como se sabe que a diversidade cultural está atrelada à riqueza da biodiversidade (DIEGUES, 1999), muitas áreas verdes mantêm-se em conservação, justamente, devido ao uso que as comunidades tradicionais fazem com estes territórios. O quilombo pode utilizar de sua percepção ambiental para dialogar com as unidades de conservação existentes para construir a gestão ambiental participativa e colaborativa. Intercalando o saber tradicional com o conhecimento científico, sem hierarquias, onde o bem comum da preservação da biodiversidade é posto como objetivo principal.

A compreensão da relação de territorialidade e identidade, visa as singularidades de quem habita tal espaço, construindo a investigação da percepção ambiental dos moradores destacando a diferentes gerações e fatores externos que podem interagir de maneira negativa com aquele corpo social (CARMO, 2019). As comunidades quilombolas são o símbolo de luta contra as amarras de um passado escravocrata e resistência aos desafios da contemporaneidade.

Trabalhos sobre a percepção ambiental e comunidades quilombolas vêm sendo desenvolvidos, como o caso dos quilombolas kalungas pertencentes ao Cerrado, localizado em Goiânia, onde na visão da comunidade é concluído que o avanço do agronegócio, da pastagem e terras degradadas estão ameaçando e destruindo a qualidade hídrica, aumentando a sensação térmica da região onde vivem e ameaçando a biodiversidade do Cerrado (BARROS, 2012).

O contexto do Quilombo do Grotão, localizado no município de Niterói no estado do Rio de Janeiro também é abordado sob a luz da percepção ambiental (MACIEL, 2023), onde é utilizado para analisar as potencialidades e as necessidades da comunidade quilombola referente ao contexto natural em que vivem junto a convivência com o Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), que está inserido no território do Quilombo do Grotão. Destacando as problemáticas associadas a atitudes racistas junto com o desamparo por parte do próprio estado que vem sendo cometidas.

O conceito de percepção ambiental também foi trabalhado na Comunidade Remanescente Quilombola Jutaí, localizada no município de Breu Branco no estado do Pará, que expõe que a comunidade não possui referência de percepção ambiental pois os problemas relacionados ao saneamento básico, qualidade ambiental, abastecimento de água não chegam até a comunidade. Mais uma vez, o desamparo do estado acaba ocasionando em doenças e riscos para a saúde dos quilombolas, sendo a educação ambiental uma das principais ferramentas para conscientizar sobre a preservação ambiental na comunidade quilombola (TORRE, 2022).

O campo da percepção ambiental é bastante rico e vantajoso quanto a efetivação do trabalho com as comunidades tradicionais e seu território. Perpassando questões de pertencimento, conservação da natureza, identidade, cultura, políticas públicas e manejo dos recursos naturais. O meio físico é caracterizado pelos seus próprios componentes, pelos elementos que o compõem como os rios, montanhas, florestas, praias, entre outros; pela paisagem em sua totalidade. Mas o que dá sentido ao meio físico através de sua percepção, história, identidade, cultura e costumes é o indivíduo ou as diversas comunidades existentes com sua cognição, subjetividade, o filtro dos sentidos.

3.3 A Geotecnologia como facilitadora para a compreensão da relação entre Comunidades Tradicionais e a Conservação da Natureza

A Geotecnologia possui o papel primordial para efetivar o levantamento das informações que precisam ser investigadas, contando também com o tempo recorde na análise desses mesmos dados que podem ser feitos via imagens de satélite através de softwares ou até mesmo a partir dos drones. Um exemplo deste progresso é que atualmente torna-se inimaginável as autoridades viajarem para a Amazônia para verificar quais locais estão sofrendo desmatamento, com as geotecnologias sendo o canal para o levantamento e reunião desses dados em tempo real, o processo de localização se torna mais fácil e ágil.

A geotecnologia também pode se transformar em uma grande aliada às lutas dos povos tradicionais referente a comprovação da conservação da natureza presente em seu território e a proteção dos mesmos em tempo real. Existem diferentes contextos que abordam o uso da geotecnologia como grande colaboradora para a resistência e luta dos povos tradicionais, ao direcionar o levantamento e a ordenação dos dados espaciais com agilidade e assim cooperar para sua disseminação. Por exemplo, com o auxílio do Google Earth, é possível construir o papel destaque das comunidades tradicionais a partir da sua disposição espacial capturada pelo software e assim explorar componentes que possam estabelecer a fragilidade da comunidade em termos socioeconômicos (TEIXEIRA; BRUM; RIBEIRO, 2020).

Atualmente, diversos são os recursos disponíveis para levantamento e coleta de dados em campo, um deles, o Vicon SAGA – que inclusive será usado nesta pesquisa - , um exemplo desses *softwares* que permitem o acesso e difusão a diferentes dados espaciais de acordo com a procura. Considerado como um aplicativo de entrada de dados para o Sistema de Informações Geográficas, Vigilância e Controle Web componente do Software Sistema de Análise Geoambiental (SAGA), foi desenvolvido pelo Laboratório de Geoprocessamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é dada a entrada de dados a partir de dispositivos móveis Android que provê ao usuário a capacidade de gerar registros em campo, utilizando seus recursos - máquina fotográfica, filmadora, GPS -. O sistema opera tanto em modo online como offline, utiliza a rede de dados 3G do dispositivo e/ou Wifi para transmitir os dados gerados para o Sistema Web. Assim é possível, posteriormente, submeter o projeto na web, imediatamente disponível para todos os usuários do sistema.

O mapeamento de uso e cobertura da própria comunidade também coopera para uma melhor disposição da gestão territorial, como é promovido através do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (2021). Os benefícios da cartografia social partem do estabelecimento do protagonismo dos povos tradicionais frente a seu território e a forças externas que continuam deslegitimando-os é a implementação da proposta da cartografia social para os povos e comunidades tradicionais a partir do uso de tecnologias de informação espacial (PUSSININI; PIDORESKI; TOLEDO, 2012).

O caso do Território Quilombola de Sucurijucara na cidade de Mosqueiro em Belém do Pará (FERREIRA, 2019), onde é evidenciado através da utilização das geotecnologias para a elaboração do levantamento de dados. Sendo possível explorar os aspectos físico-territoriais e socioeconômicos do território. A construção da análise socioambiental é feita por meio de imagens de satélites a partir do enfoque multi temporal que ajuda a apontar como a comunidade vem fazendo o uso e ocupação do solo através da construção de mapas por meio dos dados coletados. Explorando também o auxílio na proteção e defesa da comunidade tradicional em questão, para a tomada de decisão quanto a seu próprio território, a criação de novas dinâmicas territoriais a partir do olhar da comunidade e a quebra da lógica dos mapas convencionais que excluem as comunidades tradicionais.

Sob o contexto do trabalho que avalia as temperaturas da superfície e do ar presentes na Comunidade Quilombola do Morro de São João em Tocantis, às geotecnologias vem cooperando para entender as mudanças ambientais no território quilombola por conta da atividade do agronegócio (FERRAZ, 2022). Sendo cumprido com o apoio da coleta de dados por meio de transecto móvel entre os anos de 2019/2020 e coleta de campo em pontos fixos, por meio de datalogger, em episódios no final de cada estação, entre os anos de 2020 e 2021. Concluindo o saldo negativo dessa exploração intensiva do agro frente ao Cerrado e ao território quilombola do Morro de São João.

O trabalho que também foi feito nas Terras Indígenas Pankararé no Raso da Catarina no estado da Bahia para o uso das geotecnologias na compartimentação etnopedológica (BANDEIRA; CHAVES; PEREIRA, 2005) que auxilia na espacialização dos etnossolos, integrando os mesmos em um SIG (Sistema de Informação Geográfica), mapeando a distribuição dos etnossolos e concluindo na produção de um artifício capaz de promover a compreensão da gestão dos recursos naturais e a indicação da localização de terras férteis para a produção agrícola na comunidade.

Portanto, as geotecnologias podem promover grandes avanços para as comunidades tradicionais em diversas esferas. As geotecnologias podem cooperar para a permanência das comunidades tradicionais e zelar pelo o seu bem viver, proteção, exaltação do saber ancestral e conservação da natureza.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Referente à metodologia, as etapas percorridas para fomentar a construção da pesquisa (figura 7). Para além do referencial teórico conceitual, com o caráter exploratório unido às componentes geoespaciais, a pesquisa tem como característica as abordagens qualitativas e quantitativas.

Figura 7 - Fluxograma da Metodologia



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A primeira etapa com o acervo teórico, se dedica em reunir os conceitos, teorias, dados históricos, referências bibliográficas para edificar a base da fundamentação; a segunda etapa, referente ao levantamento de dados cartográficos, tem a serventia de estruturar a base de dados para que haja a análise da região em questão no caso o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; a terceira etapa concerne na construção do questionário geral e específico para promover o método que seja capaz de capturar as informações e assim elaborar um padrão estatístico para compreender a percepção ambiental da comunidade a partir das mesmas; a quarta etapa diz respeito ao trabalho de campo, que engloba a coleta/registro de dados dos questionários pertencentes ao objeto de estudo; a quinta etapa reúne os resultados e discussão do questionário geral e questionário específico e a sexta etapa diz respeito as conclusões finais.

4.1 Acervo Teórico

Em relação ao levantamento do acervo histórico e documental, foram consultados o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) dos Remanescentes dos Quilombos de Santa Justina e Santa Izabel publicado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), etapa obrigatória do processo de titulação da comunidade que foi publicada em setembro de 2020. Como também o livro da historiadora Miriam Bondim “*A História de Mangaratiba por seus Patrimônios Históricos-Culturais*” (2021), referências bibliográficas pertinentes a temática e o documentário produzido a partir do Instituto Baobá titulado como “*Quilombo, Luta e Liberdade*” (2021).

Junto com bibliografias referentes ao conceito de Percepção Ambiental guiadas por Yi-fu Tuan e Livia de Oliveira, artigos que se relacionam com o conceito de percepção ambiental voltada para comunidades quilombolas e artigos que pontuam a instrumentação da Geotecnologia como facilitadora para a compreensão da relação entre Comunidades Tradicionais e Conservação da Natureza.

4.2 Levantamento de Dados Cartográficos

Em segundo, é feito o compilado de dados cartográficos secundários que foram obtidos através das seguintes bases de dados (tabela 1):

Tabela 1: Base de dados cartográficos

NOME	FORMATO	FONTE	ANO
Shapefile da Delimitação do Quilombo	Vetorial	INCRA	2023
Shapefile da Bacia do Rio do Saco	//	Portal Geo INEA	2019
Shapefile do Uso e Cobertura do Solo RHII	//	//	2019
Shapefile da APAMAN	//	//	2019
Shapefile do PEC	//	//	2019
Shapefile da Hidrografia	//	//	2019
Shapefile do Sistema Viário	//	//	2019
Shapefile do Trecho Rodoviário	//	IBGE	2022
Shapefile da RPPN Fazenda Cachoeirinha	//	ICMBIO SIMRPPN	2023
Shapefile da RPPN Fazenda Santa Izabel	//	ICMBIO SIMRPPN	2023

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Posterior a essas etapas de procura dos dados geoespaciais, foram estruturados (05) cinco mapas no programa Qgis 3.28 na escala 1:50000. Estes foram: **1)** Mapa com a Delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; **2)** Mapa com a sobreposição da Bacia do Rio do Saco com a delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; **3)** Mapa com a sobreposição das unidades de conservação com a delimitação com o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; **4)** Mapa com a sobreposição das RPPN's com a delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel e **5)** Mapa com o Georreferenciamento das casas do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel.

Com relação ao mapa de uso da terra, este foi obtido junto ao Portal GeoInea, obtendo-se a base de dados gerada no âmbito do cadastro ambiental rural na escala 1:25.000 e recortado para a bacia do Rio do Saco. O processamento foi realizado no programa QGis 3.28 e após realizadas as quantificações para se ter a atual condição da bacia.

4.3 Construção e Objetivos dos Questionários Geral e Específico

Na terceira etapa foi elaborado o questionário geral (anexo A), sendo executado a partir de uma entrevista por meio da gravação de áudio, dividido em três eixos: **1) Produção Agrícola e Biodiversidade**, **2) Paisagem e Território** e **3) Aspectos Culturais**. O primeiro eixo do questionário geral visa percorrer a produção agrícola que se destaca na comunidade junto com a catalogação da riqueza relacionada à biodiversidade presente em seu território, no segundo eixo é explorado a assimilação e interação da comunidade com a paisagem e a terra, o terceiro eixo foi composto para demonstrar a cultura e identidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. Para assim abrir a discussão com as três lideranças atuais do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel e ser elaborado o questionário específico.

Já o questionário específico (anexo B) é uma ramificação mais profunda do questionário geral contendo os eixos **1) Perfil**, contendo as informações socioeconômicas pertinentes a pessoa entrevistada pertencente à família; **2) Relação com a Produção Agrícola**, que caracteriza como cada família está interligada com a terra; **3) Relação com a Biodiversidade**, para especificar as riquezas e variedades naturais pertencentes ao território de Santa Justina/Santa Izabel; **4) Relação com a Paisagem e Lugar**, permeia sobre a subjetividade da pessoa entrevistada.

A partir do resultado gerado do questionário específico foram desenvolvidas questões mais pontuais para facilitar a geração de dados estatísticos e assim efetuar os gráficos dos resultados e mapeamento da comunidade. Foi criado o projeto “*Percepção Ambiental de Santa Justina e Santa Izabel*” no software Vicon Saga, que tem o objetivo de viabilizar a coleta de dados a partir da coordenada geográfica do indivíduo de uma forma mais rápida e fácil enquanto o questionário é introduzido. O auxílio do banco de dados com questões referentes ao perfil do entrevistado é elaborado para explorar a questão da percepção ambiental da comunidade.

4.4 Trabalho de Campo e Coleta de Dados

O trabalho de campo foi desenvolvido com o apoio do Sr. Vicente e Sr. Pedrinho, remanescentes do quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, de acordo com a sua disponibilidade aos finais de semana no período de 14 de janeiro a 26 de junho de 2023. A rota das trilhas foi feita por meio de caminhadas, de bicicleta ou com o apoio do fusca do Sr. Pedrinho. O território de Santa Justina/Santa Izabel foi percorrido para chegar na casa das famílias remanescentes para assim ser aplicado o questionário específico estabelecido no software Vicon Saga baixado no smartphone pessoal da pesquisadora. Com o guiamento do Sr. Vicente e Sr. Pedrinho, também foi construída a confiança com a comunidade e o estreitamento dos laços afetivos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os levantamentos, tanto da leitura de referências bibliográficas, os dados cartográficos e análises posteriores que consolidaram na elaboração de mapas, quanto no trabalho de campo, foram reunidos o resultado da análise dos dados geospaciais, o resultado da análise do questionário geral e o resultado da análise do questionário específico.

5.1 Resultado da Análise dos Dados Geospaciais

Com relação ao resultado das análises a partir do auxílio das geotecnologias, ao unir as demarcações da Bacia do Rio do Saco, uma das mais importantes bacias hidrográficas e a segunda maior bacia hidrográfica de Mangaratiba tem área de 45,5 km² (MATIAS, 2016) destacada em azul. É possível perceber que grande parte da mesma está localizada dentro da delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, destacada em laranja. Como é demonstrado (figura 8) efetuada através do Qgis 3.28 com o apoio de shapefiles obtidos no Portal Geoinea e INCRA:

Figura 8 – Mapa da Sobreposição da Bacia do Rio do Saco com a Delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, Mangaratiba/RJ



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Isto significa que, a parcela da Bacia do Rio do Saco que possui uma grande cobertura de área verde (76%) está situada dentro da delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, sendo assim, demonstra a importância da comunidade quilombola para a conservação de áreas verdes. Diferente de outras áreas, em que parte da bacia está ocupada com a urbanização desenfreada (4%) junto com a atividade agropecuária (20%). A base de dados gerada corresponde ao âmbito do cadastro ambiental rural na escala 1:25.000 e foi recortada para a bacia do Rio do Saco. Sendo o processamento realizado no programa QGis 3.28 e posteriormente foram efetuadas as quantificações que correspondem a atual condição da bacia. Segue o resultado do uso da Bacia do Rio do Saco (figura 9).

Figura 9 – Gráfico do Resultado do Uso da Bacia do Rio do Saco



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Sob a perspectiva do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel referente a Bacia do Rio do Saco, fica claro em concluir nesta primeira instância como a comunidade interage e cuida do seu território. Já que a grande parcela de floresta está inserida em seu território e como é entendido, para o ciclo hidrológico, as florestas possuem um papel fundamental na preservação das bacias hidrográficas. Evitando a desertificação, protegendo o solo e o ciclo hidrológico, melhorando a qualidade da água, enfatizando também que a principal forma de abastecimento das bacias hidrográficas é por meio do processo da precipitação. O resultado dessa sequência de fatos pode ser concebido a partir da sobreposição das camadas kml de delimitação e análises visuais presentes que podem ser elaboradas via imagem de satélite e posteriormente no gráfico.

Em seguida temos a sobreposição do território de Santa Justina/Santa Izabel com o Parque Estadual do Cunhambebe (PEC), junto a Área de Proteção Ambiental de Mangaratiba (APAMAN), servindo de Zona de Amortecimento (figura 10).

Figura 10 – Mapa da Sobreposição das Unidades de Conservação com a Delimitação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel

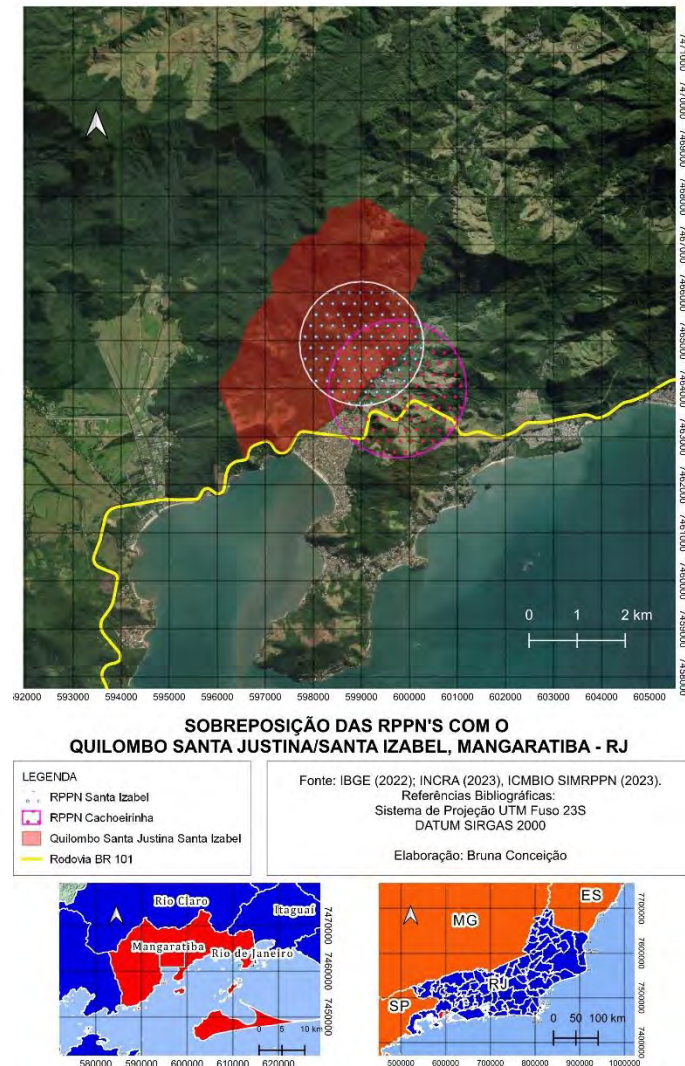


Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Como a comunidade detém o sistema agroflorestal (SAF), tecnologia ancestral que explora a produção de alimentos fora da configuração da monocultura e livre de agrotóxicos que preserva o que já existe e regenera o que foi degradado junto com a agricultura de várzea, unido a sobreposição da Bacia do Rio do Saco, seus afluentes e o manguezal, é importante que haja um plano de manejo coletivo com os quilombolas de Santa Justina/Santa Izabel (RTID, 2020). A união dessas forças pode gerar o bem maior, a melhoria contínua para a preservação e conservação de uma região já tão rica. A presente ação do manejo da comunidade com o seu meio traz a compreensão da importância dos saberes tradicionais para a conservação da biodiversidade.

A categoria de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) é uma categoria de unidade de conservação que consta como domínio privado, prevista no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, Lei nº 9.985/2000). Quando reconhecidas pelo Estado do Rio de Janeiro, são consideradas como unidades de conservação de proteção integral, de acordo com o Decreto Estadual nº 40.909/2007. Tendo como principal objetivo a preservação da diversidade biológica, das paisagens notáveis e, subsidiariamente, de locais que apresentem elevado valor histórico, arqueológico, paleontológico e espeleológico (figura 11).

Figura 11 - Mapa da Sobreposição das RPPN's com a Delimitação de Santa Justina/Santa Izabel.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

De acordo com a sobreposição do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, também foram identificadas duas RPPNs tituladas como Reserva Particular do Patrimônio Natural Cachoeirinha, situada na Fazenda Santa Justina, estrada Rio Santos Km 43,5 e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Santa Izabel, situada na Fazenda Santa Izabel.

5.2 Resultado da Análise do Questionário Geral

A seguir, no dia 13 de dezembro de 2022 foi aplicado o questionário geral a partir da gravação de áudio, que dividiu-se em três eixos: **1) Produção Agrícola e Biodiversidade**, **2) Paisagem e Território** e **3) Aspectos Culturais** com as atuais lideranças do quilombo. O levantamento foi muito satisfatório, sendo possível já refletir e enxergar a direta relação da biodiversidade com os povos tradicionais e a questão da percepção ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel.

No primeiro momento da aplicação do questionário geral, como o eixo **1) Produção Agrícola e Biodiversidade**, foi possível perceber que o quilombo até pode ser dividido em sítios, estruturando as famílias ali existentes como sitiantes, mais uma categoria que encontramos na configuração da comunidade é a categoria de agricultura familiar. Tal categoria é caracterizada por quatro pontos destacados segundo Cardoso (1987):

- a) Acesso estável à terra, seja em forma de propriedade, seja mediante algum tipo de usufruto;
- b) Trabalho predominantemente familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional;
- c) Auto-subsistência combinada a uma vinculação ao mercado, eventual ou permanente;
- d) Certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros.

Antes, a produção era voltada exclusivamente para a plantação de banana, plantação de café e o engenho de açúcar por conta dos escravocratas da família breves, mas todas as famílias pertencentes da comunidade produzem de tudo um pouco em seu quintal, o que caracteriza a agricultura familiar. Seja para sua subsistência ou para a venda em variados pontos da cidade ou da feira de agricultura familiar que costuma se concentrar no centro de Mangaratiba, as famílias, os sitiantes, também organizam a sua produção conforme sua vontade e a disposição da terra, mas ainda não possuem uma ação coletiva de produção. Existe o movimento do "mutirão", onde todos os produtores se organizam em grupo, de forma circular, a cada quinta-feira para ajudar na produção do sítio que for escolhido.

Em seguida, as lideranças salientaram que está sendo planejada a ampliação da produção de feijão, milho e arroz e a construção de estufas e armazéns para conservar e depositar a colheita. Contemplando as outras produções gradativamente assim que conseguirem organizar a produção coletiva na comunidade de Santa Justina/Santa Izabel.

As práticas de coleta da comunidade que foram levantadas pelos três principais representantes da comunidade (tabela 2). Como destacado anteriormente, essas coletas são obtidas a partir da plantação individual de cada sítio, e em seguida ocorre o mutirão para cuidar da terra.

Tabela 2 - Resultado das Práticas de Coleta da Comunidade

Frutas	Verduras	Legumes
Banana; Tangerina; Limão Galego; Cacau; Abacaxi; Tomate Cereja; Laranja China; Laranja da Terra; Lima da Persa; Acerola; Goiaba; Jabuticaba; Jambo; Fruta Pão; Siriguela; Mamão; Urucum.	Cheiro Verde; Couve; Coentro.	Mandioca; Abóbora; Chuchu; Inhame; Batata doce; Palmito Pupunha; Quiabo, Milho; Feijão; Gengibre; Palmito Jussara.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com essas matérias primas, os remanescentes produzem variados produtos para sua subsistência, também fazem a venda em festividades da comunidade e na feira de agricultura familiar no centro de Mangaratiba e atualmente fornecem parte de sua produção para o abastecimento das escolas locais. Com a fala dos representantes presentes, são produzidos a partir das coletas destacadas o doce de mamão, colorau, paçoca, banana desidratada, doce de banana, doce de laranja da terra, licor de jabuticaba, cocada de gengibre, farinha de mandioca e o juçará (açai proveniente do palmito juçara).

Segue os registros (figuras 12 - 21) abaixo da Festa da Consciência Negra que ocorreu no dia 26 de novembro de 2022 (acervo pessoal), onde são destacadas algumas das matérias primas e também derivados da sua produção:

Figura 12 - Palmito Pupunha

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 13 - Cachos de Banana

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 14 - Coentro



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 15 - Couve



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 16 – Banana Passa



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 17 - Cocada de Gengibre



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 18 - Doces em Compota



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 19 – Urucum e Cacau em pó



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 20 - Farinha de Aipim

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 21- Melaço de Cana

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Prosseguindo com o eixo **1**) Produção Agrícola e Biodiversidade, foi considerando a sabedoria da comunidade referente às ervas medicinais e sua catalogação (tabela 3). A lista demonstrou-se extensa por conta que as funções de algumas delas também foram recordadas e o resultado da pergunta tornou-se admirável, até mesmo para as lideranças enquanto se depararam com tamanha riqueza da natureza e a sabedoria dos mais antigos sendo resgatadas. Pontuando sempre que tudo o que precisamos está nas matas, retirando o sentido dos fármacos vendidos nas drogarias. Foi salientado que algumas das ervas medicinais são nativas e outras são plantadas. Mas a maioria são nativas, porém, as que possuem nome popular são plantadas no quintal, já as desconhecidas são encontradas na mata.

Tabela 3 - Catálogo das Ervas Mediciniais da Comunidade

Função	Plantas Mediciniais
Anti inflamatória	Sete Sangria; Erva Botão; Babosa; Araticum; Espinheira Santa.
Curar feridas	Aroeira; Carobinha; Calêndula.
Contra ansiedade	Erva Cidreira; Camomila; Mulungu.
Benefício para os Rins	Parietária; Folha de Urtiga Roxa; Picão; Folha de Umbaúba.
Benefício para Coluna	Folha de Umbaúba; Folha de Fruta Pão.
Curar Colesterol	Folha de Graviola.
Prevenção contra o Câncer	Pariparoba; Chapéu de Couro; Folha de Graviola.
Controle de pressão	Erva de São João; Folha de Graviola.
Função Desconhecida	Hortelã; Pau Pereira; Jatobá; Saião; Arnica; Canela; Sassafrás; Alecrim; Confrei; Cana do Brejo; Boldo; Melissa; Canela; Capim Limão; Citronela; Cipó Cravo; Cipó Buta; Carrapichinho; Santa Maria; Óleo de Copaíba; Jaborandi.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Prosseguindo com o eixo **1) Produção Agrícola e Biodiversidade**, com relação a criação de animais, foram destacadas a criação de porco, boi, pato, marreco, galinha e cavalo. Já a catalogação dos animais silvestres pertencentes a mata, foram apontados uma ampla lista de espécies e a partir desse ponto, vale destacar novamente o cuidado com a natureza apenas por tantos animais estarem presentes no território de Santa Justina/Santa Izabel.

Os animais silvestres que foram destacados no território a partir do questionário geral são demonstrados a seguir (tabela 4).

Tabela 4 - Catálogo dos Animais Silvestres pertencentes ao território da comunidade.

Mamíferos	Aves	Répteis	Crustáceos	Peixes
Lobinho; Lobo Guará; Tatu; Porco do Mato; Cutia; Coelho; Capivara; Lontra; Ouriço; Ariranha, Cachorro do Mato; Gato do Mato; Guaxinim, Mico; Caxinguelê; Preá, Paca, Macaco Bugio; Macaco da Noite; Veado; Onça Sussuarana; Anta.	Tucano; Inhambu; Periquito; Carcará, Papagaio Maracanã, Maritaca; Gavião; urutau; Bacurau; Araponga; Sabiá, Sanhaço; Saíra Sete Cores; Canario; Trinca Ferro; Coleiro; Tiziu; Anu Branco; Anu Preto; Azulão; Coruja; Melro; Pomba Rola; Juriti; Saracura; Trocal; Marreco Selvagem; Pato Selvagem	Jacaré de Papo Amarelo; Cobra Jiboia; Sapo; Rã; Perereca; Lagarto.	Camarão de Água Doce; Caranguejo Guaiamu.	Lambari; Traíra; Bagre.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Seguindo para o eixo **2) Paisagem e Território**, as lideranças presentes dialogam que os principais morros identificados dentro do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel são o Morro do Gaspar; Morro do Mirante; Morro do Lúcio e o Morro da Espinheira. Com relação às cachoeiras e rios, são identificados a Cachoeira da Espinheira; Poço 5 metros (cartão postal do quilombo); Nascente da Pedreira (morro que se divide com o Morro do Guiti); Cachoeira do Gaspar que se deriva no Rio do Gaspar; Cachoeira do Zé Vitor; o córrego do “Cá-Te-Espero”, que servia antigamente como lugar de tocaia e que adentra o mangue.

Como o questionário geral demonstra, sendo nascente e cachoeira, ambas são formadas nos morros/montanhas relatados pelas lideranças do quilombo. Continuando, esses recursos hídricos servem como meio de abastecimento para a comunidade, seja para cozinhar, tomar banho, para a irrigação da produção, necessidades essenciais. Poucos sítios possuem sua própria nascente, mas no geral, algumas frações da cachoeira se transformam em córregos no decorrer do percurso e vão abastecendo os sítios que estiverem no acesso.

Com o eixo **3) Aspectos Culturais**, foram abordadas questões referentes a locais da comunidade considerados como sagrados, que esboçam a curiosidade – tendo a oportunidade de serem reconhecidos como patrimônio histórico cultural – as festividades da comunidade e as lendas/crenças que ajudam a associar a identidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel.

O primeiro local relatado pelas lideranças que pode ser considerado é a Mãe do Ouro. A marca que está situada na pedra se assemelha com o contorno de uma santa, como foi relatado:

“Segundo eu fiquei sabendo assim, na verdade, isso é da minha família mesmo, que foi um raio, não um raio, uma luz né? Que caiu ali, tá entendendo? Não é meteoro não, é tipo uma estrela cadente, só que foi a noite. Ela caiu ali, e aí parece que bateu naquela pedra, e ficou aquela marca ali. E dizem que onde cai aquele raio, é onde existe o ouro. Meu pai que me disse isso aí.”

Segue o registro (figura 22) produzido a partir do trabalho de campo no dia 4 de fevereiro de 2023.

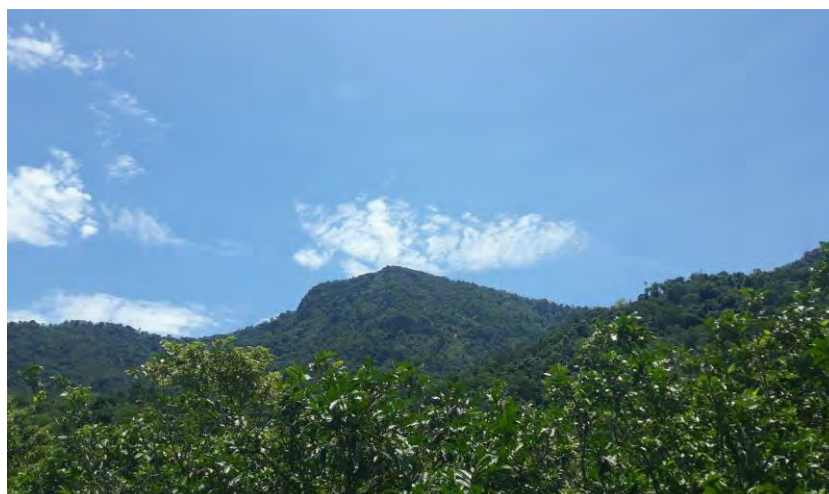
Figura 22 - Mãe do Ouro



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Existe também a “Toca do Zé Vitor”, onde o mesmo realizava atividades religiosas de cunho espírita e assim ficou conhecida. Também registrada no dia 4 de fevereiro de 2023 no decorrer do trabalho de campo (figura 23).

Figura 23 - Toca do Zé Vitor



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Há também outra toca que é denominada como “Toca da Panela”, pelo motivo de serem encontradas panelas que foram feitas e deixadas pelos escravizados da época. O local que foi destacado como perigoso e misterioso foi a mesma “Toca da Panela” mencionada anteriormente. Silvío enfatiza que o local possui grande importância como patrimônio histórico, que deve ser preservado e explorado turisticamente e sinalizado com trilhas:

Olha, um lugar que é realmente, que é bem restrito, que até hoje não me deu a chance de chegar lá, foi a “Toca da Panela”.

O meu Tio Godinho, ele era uma pessoa, que era o mapa daquele lugar. Até que na época chegou a guarda municipal no quintal dele, com detector de metal, todo preparado, sem a historiadora (Miriam Bondim), que é a nossa historiadora do lugar, pedindo pra ir lá. Ele deu maior sabão nos caras, um coroinha de 80 lá vai fumaça, ele sabia tudo isso aí dentro.

“Eu não vou levar vocês, lá não é lugar pra vocês, vocês não tem nada o que fazer lá. O que vocês queria fazer lá?”

“A gente só queria tirar umas fotos”

Aí ele não tinha a sabedoria do que era um detector, mas ele olhou algo estranho, e falou em foto, quando falou em foto, aí ele disse:

“Não, ali não é lugar pra vocês”.

Ele estava pra ir lá comigo, mas ele faleceu.

Se tratando das festividades, é notável que no geral essas celebrações estão estritamente relacionadas com a ancestralidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel e com a característica mais marcante, que se destaca como identidade da comunidade, a relação íntima com a produção na terra. São os filhos do chão sagrado que, quando é cuidado com respeito, oferece dádivas.

As celebrações que foram mencionadas são o Shows de Prêmio Quilombola, onde estava sendo pensado para ocorrer no mês de janeiro:

Em janeiro o pessoal tá querendo evento por conta do verão, das cachoeiras. Vai ter o show de prêmios quilombola. Vai ser pato, galinha, porco, vai ter que levar vivo. Cesta de produtos agroecológicos.

Cada um vai doar uma galinha, os ovos. Eu quero ver neguinho sair com o porco debaixo do braço!

Em fevereiro está programado para acontecer o Samba de Roda, aproveitando o clima de carnaval; o clássico Festival da Banana em maio; o Dia da Primavera, que ocorre no dia 24 de setembro; a Festa Junina e o Dia da Consciência Negra que costuma ser realizada em novembro conforme o registro do dia 26 de novembro na festividade (figura 24).

Figura 24 - Festa da Consciência Negra



Fonte: Registro feito pela autora (2022)

Partindo para as lendas e crenças, foi destacado em primeiro lugar a “Lenda do Escravo Acorrentado”, que foi catalogada no livro “*A História de Mangaratiba por seus Patrimônios Históricos - Culturais*” da historiadora local Miriam Bondim:

Tem até no livro da Miriam, a lenda do escravo acorrentado. Essa lenda foi até da minha avó. Minha avó tinha um, minha avó era descendente da marambaia, depois foi pra Mazomba. Lá era um quilombo também, foi totalmente abandonado.

E a minha avó, da Marambaia, foi pra Mazomba, de Mazomba foi pra Santa Justina. Acabou vindo pro Quilombo daqui.

Aí, os irmãos dela não vieram, ficaram lá pro lado de Mazomba e vinha pra cá a noite, tarde da noite. Antigamente os ônibus aqui eram difíceis, o expresso mangaratiba entrava em Itacuruçá, Muriqui. Dava volta ao mundo pra chegar e assim, não vinha até a Praia do Saco, não tinha disso. Era lá no ponto do Centro de Mangaratiba, era o ponto final.

Então ele vinha de Mangaratiba pra cá, não tinha mais condução. Ele vinha a pé, e ali passando em frente ao alambique desativado, que a gente chama de Engenho, perto do “Espaço da Resistência”, ele começou a escutar um barulho assim de corrente. Ai ele olhou e disse que vinha uma pessoa tipo de branco com as correntes andando na frente dele.

Mas ele correu tanto, chegou esbaforido quase 2 horas da manhã, chegava 23h da noite aqui. De Mangaratiba até lá (Santa Justina) era chão. O meu tio chegou lá e não conseguia falar, então até ele se acalmar pra contar o que tinha acontecido...

E aí a minha avó contava essa lenda do escravo acorrentado. E aí ele falando:

“Tinha uma pessoa, eu acho que era assombração. Vocês não falam que ali teve escravo? Negócio de escravidão? Eu acho que era uma assombração que tava na minha frente”.

Outra lenda recordada é a “Lenda do Assobio”, onde uma remanescente quilombola expõe no documentário que seu pai andava muito na mata e que algo muito forte segurou sua perna e um assobio se manifestou mata adentro.

Continuando, é relatado também a “Lenda da Mulher do Lençol Branco”:

(...) A minha tia mais velha, que é até falecida, ela era filha do primeiro casamento do meu avô. Aí acabou que teve um problema com o casamento, mas foi problema de saúde da mulher dele, não quis mais ficar casado. Aí meu avô trouxe a filha pra cá pra morar, minha avó foi criada com a bisa, com a nossa bisa e a minha avó.

E aí essa minha tia, que foi criada aqui com a gente, com a gente não, com os meus tios. Porque a gente não existia. Namorou um rapaz, que era até também do pessoal do Cabral, do Jorge Cabral.

Aí ele disse que ali por dentro, tinha, tem muito mato né, por que a vegetação tomou conta e a gente não tem mais esse caminho da pedra que tinha até uma nascente que passava ali debaixo desse caminho.

Em frente ao portão do nosso sítio, aquele caminho por ali, que tinha uma pedra. Então, ele disse uma vez que o Jorge vinha por ali, ia pra casa da vovó que morava pra lá né, pra namorar a Anita. Tinha uma mulher com lençol branco que cercava ele. Ele tomava uns goró, e ele falava assim:

"E agora o que eu faço? Eu não sei se vou pra frente ou volto pra trás"

Aí tem essa história também, mas como ele tava bêbado, a gente não sabe se era verdade, se era mentira. Mas né, era a mulher do lençol branco, tipo fantasma.

Ao tocar nas questões das lendas e crenças, houve um momento em que as lideranças da comunidade entraram em contemplação ao abordar sobre a espiritualidade em seu geral. É relatado o caso de uma manifestação que se sucedeu em uma situação muito curiosa e especial para a comunidade:

Pessoa 1: *Você sabe que eu ando no meio do mato aí, eu sinto a presença de algo...*

Pessoa 2: *E aquele que tentou escavar o engenho, o que ele falou pra nós?*

Pessoa 1: *Aquilo ali é assombração real!*

Pessoa 2: *O que ele falou que ele viu?*

Pessoa 1: *O cara falou que viu...*

Pessoa 2: *Os guardiões, tem os guardiões. E isso a gente ouviu de um pastor, um pastor e um (palavra sem identificação) tentaram escavar lá o engenho e aí avisaram a gente.*

Pessoa 1: *Eu fui pra lá. Chegando lá, encontrei a (palavra sem identificação) e já tinham saído de lá. E aí eu peguei e fui na casa do cara:*

"Eu sei quem é, vamo lá"

"E tem aqui uma ferradura velha, que eu achei, a gente tá lá por hobbie"

Eu sei qual hobby que é...Aí tá bom, aquela história:

"Eu tava mexendo lá, mas eu senti que ali não era legal..."

Pessoa 2: *Ele falou assim: "Vocês tem que orar muito lá por que eu tava assim e daqui a pouco eu senti um homem muito grande nas minhas costas. São os guardiões"*

A situação é complementada com um raciocínio crítico que, simultaneamente, traz uma experiência íntima onde aborda sua trajetória em busca da identidade quilombola e como os seus conhecidos reagiram a isso. Como foi a situação do pastor, de caráter preconceituoso, citado anteriormente:

*(...) Você pensa que aquilo lá é qualquer chão? Lá não é qualquer chão não, meu filho. E eu vou te falar, todo mundo que entra ali com má intenção, não se dá bem na vida. Vai cair do cavalo. Cai. Todos.
Quem entra pra somar, mas fora isso a ancestralidade é muito forte. Eu falo isso hoje com essa convicção, por que eu consegui resgatar essa identidade mesmo, sabe?
E eu sinto essa energia hoje, independente de religião. Eu sou evangélica, mas, a gente respeita todos, contanto que a cultura é, o que predomina é matriz africana.
O evangelho tá defendendo uma luta onde predomina, muita gente acha até hoje, nem falam mais comigo. É eu e Deus e minha cultura. E ninguém vai matar a minha história. Hoje eu consigo sentir isso de dentro, de me emocionar, de ter conseguido resgatar essa identidade. Claro, como é que a gente pode dizer, com aquela certeza mesmo de quem eu sou. E a gente sente a energia, quando eu tô lá, eu não tomo remédio pra nada, não sinto dor, não dói coluna, não dói rins, não dói nada.
Vou pra cachoeira e fico sentada dentro d 'água. Às vezes sozinha lá, só olhando a natureza...*

Prosseguindo com a fala referente sobre a natureza como significado intrínseco, é ressaltado que a comunidade também conta com a presença de um manguezal que é berço da espécie dos Guaiamuns. Mas que o local é intocável, praticamente um berçário muito bem preservado e sagrado.

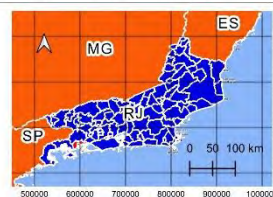
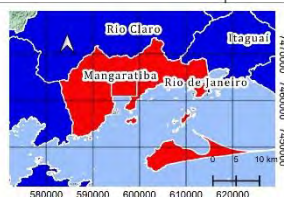
5.3 Resultado da Análise do Questionário Específico

5.3.1 Primeiro Eixo: Perfil, Informações Socioeconômicas

A promoção do questionário específico tem início com eixo **1) Perfil**, contendo as informações socioeconômicas pertinentes à pessoa entrevistada pertencente a dada família. O questionário em si não foi feito com todos os integrantes das famílias por conta da dificuldade relacionada a acessibilidade ao local e toda dinâmica ser diferente - o dia escurece mais rápido, perigos da mata -. Apesar de 69 famílias, totalizando 202 pessoas contabilizadas do Relatório Técnico de Identificação do Território (RTID), muitos dos outros remanescentes moram na área de planície de Mangaratiba por conta da falta de infraestrutura e reconhecimento da gestão pública sobre tal território. O que ocasiona na omissão de serviços públicos para a comunidade - fato que será apresentado mais à frente em outro eixo dos resultados -.

No total foram 27 casas percorridas, 27 pessoas entrevistadas entre toda a delimitação do território de Santa Justina/Santa Izabel no período de 14 de janeiro a 26 de junho de 2023 sempre aos finais de semana (figura 25).

Figura 25 – Mapa do Georreferenciamento das Residências



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

De acordo com os dados coletados em campo, os 27 moradores entrevistados se dividem em 16 pessoas pertencentes ao gênero feminino e 11 pessoas são pertencentes ao gênero masculino (figura 26). O levantamento do quadro socioeconômico contribui com informações relevantes para definir ou descrever o contexto (NORDI, 1962 apud. ALVES; NISHIDA, 2003). Com o primeiro eixo do questionário, que corresponde ao perfil, às características socioeconômicas da pessoa entrevistada, conclui-se que, por mais que a estatística esteja aparentemente balanceada, em sua maioria, as mulheres estiveram mais presentes e a frente do questionário.

Figura 26 – Gráfico do Gênero dos Entrevistados

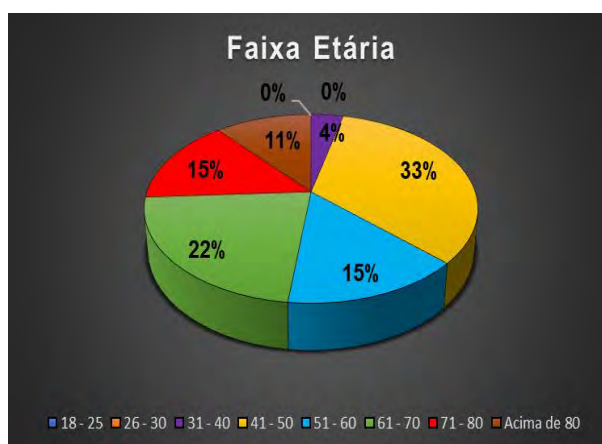


Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Tratando-se da faixa etária predominante dos entrevistados: de 31 a 40 anos, apenas uma pessoa; de 41 a 50 anos houveram 9 pessoas; de 51 a 60 anos houveram 4 pessoas; de 61 a 70 anos houveram 6 pessoas; de 71 a 80 houveram 4 pessoas e acima de 80 anos houveram 3 pessoas. As faixas etárias entre 18 a 25 anos e 26 a 30 anos não tiveram registro (figura 27).

A faixa etária dos moradores entrevistados foram pessoas pertencentes a meia idade, terceira idade e idosos em geral, sendo a anciã da comunidade detentora de 84 anos. O fato de não encontrar pessoas mais jovens de 18 a 25, 26 a 30 ou de encontrar apenas 4% referente a faixa etária 31 a 45 é de que não há tanta oportunidade de trabalho e de ingresso escolar próximo a comunidade, portanto, são forçados a sair do território.

Figura 27 – Gráfico da Faixa Etária dos Entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação à escolaridade dos moradores entrevistados, referente ao Analfabetismo, (05) cinco pessoas; Ensino Fundamental Completo, (01) uma pessoa; Ensino Fundamental Incompleto, houveram (18) dezoito pessoas; ao Ensino Médio completo, (02) duas pessoas; Ensino Médio Incompleto não houve ninguém; Ensino Superior Completo, (01) uma pessoa e Ensino Superior Incompleto não houve ninguém (figura 28).

É possível afirmar que a grande maioria, (23) vinte e três pessoas, não concluíram os estudos. Por mais que haja essa grande margem para os estudos incompletos, pode-se relacionar com o fator da faixa etária, pois, as pessoas que estão dentro da probabilidade dos estudos inacabados possuem 61 a 70 anos, 71 a 80 anos e acima de 80 anos. Este fato se dá porque essas mesmas pessoas tiveram que largar os estudos muito cedo para poder ajudar na renda de suas famílias e as escolas localizadas na região encontram-se muito distante do Quilombo de Santa Justina Santa Izabel. A Escola Municipal Diogo Martins pode ser considerada como a escola mais próxima ao território, sendo equivalente a 1h de caminhada.

As pessoas entrevistadas que possuem o Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Completo e Ensino Superior, em sua grande maioria, inseridas na faixa etária de 31 a 40 anos, saíram do território quilombola em busca de melhores oportunidades.

Figura 28 – Gráfico da Escolaridade dos Entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Referente à ocupação dos moradores entrevistados, (07) sete pessoas são produtores rurais; (07) sete pessoas são domésticas (trabalham fora na casa de outras famílias) e (02) pessoas são caseiras (figura 10); (11) onze pessoas responderam à alternativa “outros”, onde engloba (10) dez pessoas aposentadas; (01) um artesão (figura 29).

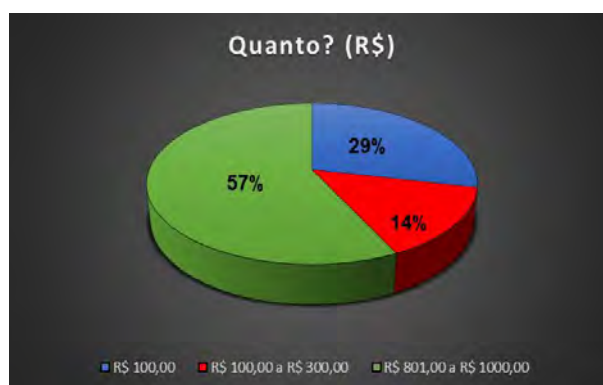
Apesar dos mesmos já possuírem uma ocupação, é perguntado se parte da renda familiar vem dos produtos manejados. (14) Quatorze pessoas entrevistadas disseram que sim e (13) treze pessoas disseram que não (figura 29). Com relação às pessoas que disseram “sim”, a média por mês da quantia referente aos produtos manejados que ajudam na renda (figura 30) são (08) oito pessoas entrevistadas para R\$ 801,00 a R\$ 1000,00; (02) duas pessoas entrevistadas para R\$ 100,00 a R\$ 300,00 e (04) quatro pessoas entrevistadas para até R\$ 100,00 (figura 31).

Figura 31 – Gráfico da Ocupação dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 30 – Gráfico da Renda dos Entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 31 – Gráfico da renda dos Entrevistados

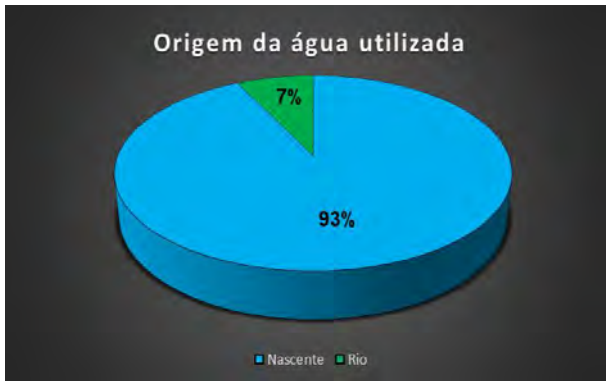
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A distribuição de água das famílias moradoras, (26) vinte e seis famílias se dão por meio da captação das nascentes e uma (01) família faz a captação da água do rio referentes a Cachoeira do Gaspar; tal fato demonstra a relação de subsistência com a natureza (figura 32).

Com relação ao esgotamento sanitário, o local para onde vai o esgoto dessas famílias, (16) dezesseis famílias utilizam a fossa, (10) dez famílias utilizam o sumidouro e (01) uma família joga o seu esgoto diretamente no rio. Essa constante pode indicar a falta de estrutura e dificuldade que a comunidade possui por conta da falta de acessibilidade e assistência pública para promover o devido planejamento de esgotamento sanitário para suas residências (figura 33)

O mesmo acontece com a questão dos resíduos sólidos, (18) dezoito pessoas entrevistadas responderam que depositam os seus lixos nos locais que a empresa contratada pela prefeitura de Mangaratiba passa semanalmente; (08) oito pessoas responderam que fazem a queima dos resíduos e (02) duas pessoas responderam que enterram - lixo orgânico - (figura 34). Mais uma vez, é demonstrado como o território de Santa Justina/Santa Izabel não possui a devida assistência da gestão pública. Já que os quilombolas precisam descer com seus lixos até a passagem mais próxima à pista da Rodovia Rio Santos - onde estão localizadas as caçambas - para fazer a destinação certa e essa ação, se for a pé, dependendo da localização da residência, pode durar até 40 minutos.

Figura 32 – Gráfico da Origem da água



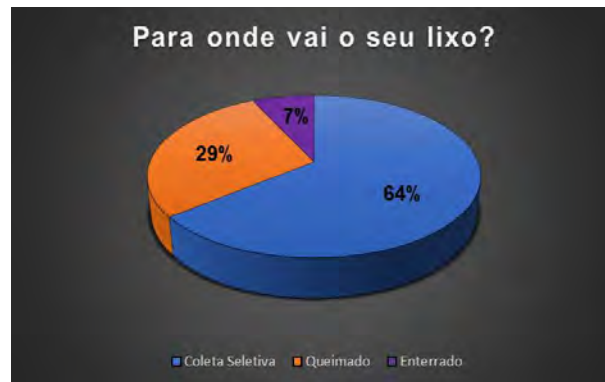
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 33 – Gráfico da Destinação do esgoto



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 34 – Gráfico da Destinação do lixo



Fonte: Elaboração da autora (2023)

5.3.2 Segundo Eixo: Relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a Produção Agrícola

Se tratando do segundo eixo, referente à relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a produção agrícola, percebe-se que a comunidade e a terra são seres totalmente complementares. Sem o dom da semeadura da comunidade, a terra não teria vida e sem a terra, a comunidade não teria sua identidade. Desde a questão do saber, da lida com a terra, da produção que alimenta os seus filhos e que também serve como sustento ocorrendo a venda para fora, uma não vive sem a outra.

O Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel caracteriza-se como uma comunidade tradicional composta por pequenos agricultores que possui a base da agricultura familiar e a tradição dos seus antepassados. E, divergindo do modelo de agricultura tradicional, a agricultura familiar junto ao extrativismo são grandes aliados para a conservação dos agros ecossistemas. Pois, formam paisagens produtivas que proporcionam a continuidade dos serviços ambientais.

A existência da grande variedade de cultivo relacionado a frutas, manifesta o quanto a atividade agroflorestal, o manejo pautado no saber tradicional pertencente a comunidade é imprescindível para manter e conservar a grande presença de Mata Atlântica no interior das delimitações do território quilombola. Sendo logo perceptível a diferença da zona urbana ao adentrar no quilombo, o ar fica mais puro (figura 35 - 37).

Figura 35 - 1º Porteira do Quilombo



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 36 - Parte da trilha do Quilombo



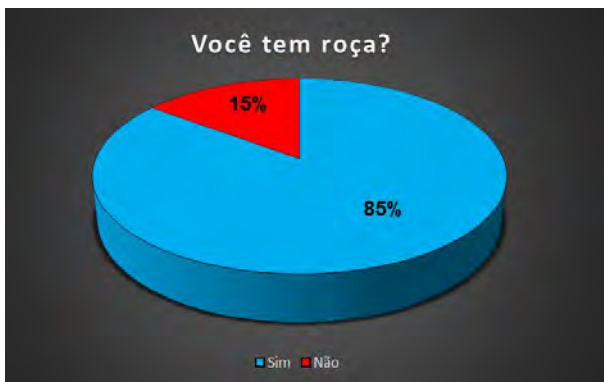
Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 37 - Rio do Saco

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

É questionado se determinada família moradora possui roça, (23) vinte e três pessoas responderam que sim e (04) quatro pessoas disseram que não (figura 38). Aprofundando mais a questão, é perguntado sobre o que é plantado, em ordem decrescente, o cultivo de aipim, o cultivo do feijão, o cultivo do inhame, o cultivo do milho, o cultivo da batata doce e batata normal, restando o chuchu e a cana de açúcar (figura 39).

Com relação ao local da plantação, por unanimidade, as (23) vinte e três pessoas entrevistadas possuem a roça em seu quintal (figura 40). Considerando o objetivo do plantio, (15) quinze pessoas responderam que é feito tanto para o consumo próprio e a venda e (08) oito pessoas responderam que o plantio é para a subsistência de sua família. Ninguém respondeu que o plantio se dá exclusivamente para a venda (figura 41).

Figura 38 – Gráfico Roça

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 39 – Gráfico do Tipo de Plantação na Roça

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 40 - Gráfico do Local da Plantação

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 41 – Gráfico dos Fins do Plantio

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Segue em destaque alguns registros das plantações (figura 42 e 43):

Figura 42 - Plantação de Aipim

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 43 - Plantação de Cana de Açúcar

Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Continuando, referente às ervas medicinais, por unanimidade, todos responderam que utilizam as ervas medicinais em seu cotidiano (figura 44). As ervas medicinais que se destacaram foram a Erva Cidreira, o Boldo, o Capim Limão, a Alfavaca, a Trançagem, o Hortelã, a Espinheira Santa e a Erva Doce (figura 45). Outras ervas medicinais também foram citadas como Santa Maria, Pau Pereira, Alevante, Cipó Cravo, Chapéu de Couro, Panaceia, Pariparoba; Salsaparrilha, Folha da Goiaba, Folha de Pitanga, Folha de Aroeira, Folha de Amora, Folha de Cana do Brejo, Folha de Laranja, Saião, Macaé, Ora Pro Nobis, Carobinha, Carqueja, Assa Peixe, Alho; Erva Pombi, Açafrão, Canela e Gengibre.

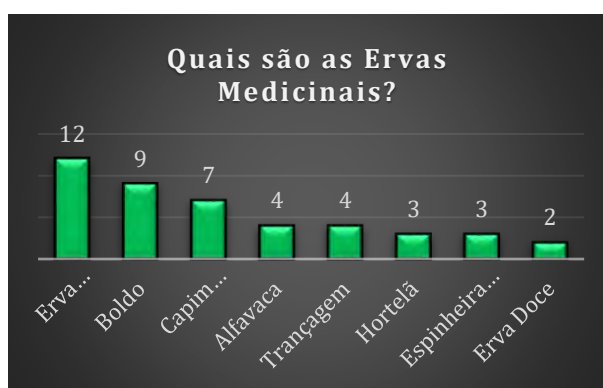
As ervas medicinais colocadas pela comunidade, (17) dezessete famílias fazem a plantação em seu quintal, (02) duas famílias fazem a coleta direta na mata e (08) oito famílias se dividem tanto na plantação em seu quintal quanto a coleta na mata (figura 46).

Figura 44 – Gráfico da Utilização das Ervas Medicinais



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 45 – Gráfico dos Tipos de Ervas Medicinais



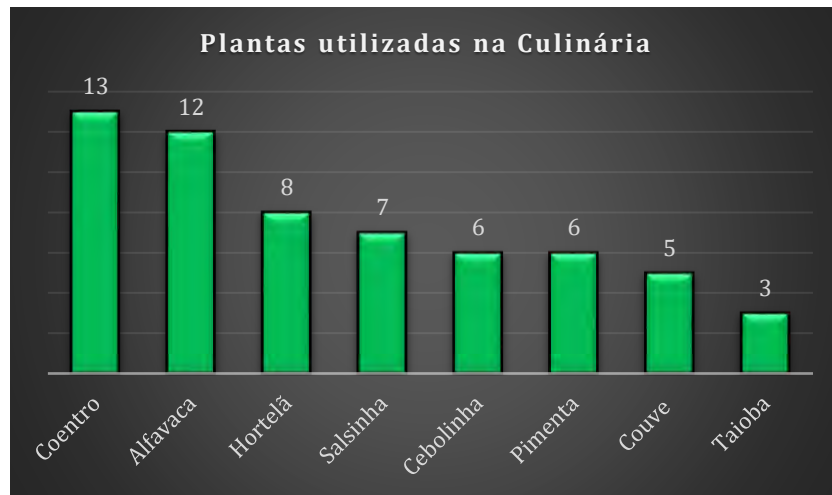
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 46: Gráfico dos Fins do Plantio das Ervas Medicinais



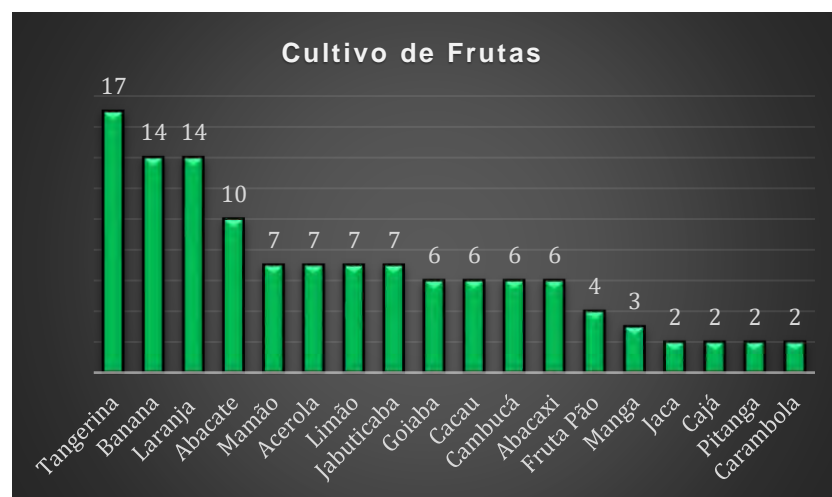
Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As famílias moradoras do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel têm o hábito de utilizar plantas na culinária. Em ordem decrescente foram destacadas o Coentro, a Alfavaca, o Hortelã, a Salsinha, a Pimenta, a Cebolinha, a Couve, a Taioba e o Orégano (figura 47).

Figura 47 – Gráfico das Plantas utilizadas na culinária

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

É questionado sobre o cultivo de frutas, em ordem decrescente, foram destacadas o cultivo de Tangerina, Banana, Abacate, Mamão, Acerola, Limão, Jabuticaba, Goiaba, Cacao, Cambucá, Abacaxi, Fruta Pão, Manga, Jaca, Cajá, Pitanga e Carambola (figura 48). As outras frutas citadas, consideradas como mais exóticas, foram a Siriguela, Cupuaçu, Abiu, Caqui, Coco, Atemoia, Manga, Fruta do Conde, Pêssego, Rambotã, Ameixa, Jambo, Biriba, Grumixama e a Lichia.

Figura 48 - Gráfico do Cultivo das Frutas

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Segue alguns registros do cultivo de frutas (figura 49 e 50):

Figura 49 - Cultivo de Abacaxi



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Foto 50 - Cultivo de Banana e Fruta Pão



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

A criação de animais também se faz muito presente na tradição do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. Essa subsistência com a natureza é transformada numa reciclagem de materiais, energia e dejetos, na diversificação dos produtos obtidos dos ecossistemas e especialmente, a integração de diferentes práticas: a agricultura, a coleta, a extração florestal, a agrofloresta, a pesca, a caça, criação de animais e artesanato (TOLEDO, 2001) (figura 51-55).

Figura 51 - Criação de Perus



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 52 - Criação de porco



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 53 - Criação do Peixe Tilápia



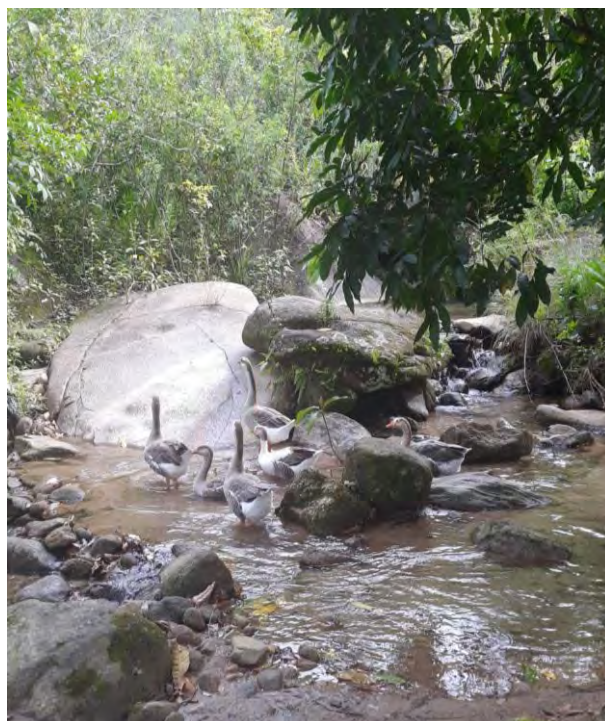
Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 54 - Criação Bovina



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 55 - Criação de Gansos



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Considerando a criação de animais, (19) dezenove pessoas entrevistadas responderam que criam animais e os que não fazem criação foram (08) oito pessoas (figura 56). Dos animais criados, são 29% criação de galinha, 18% criação bovina, 15% para criação suína, 9% ficou para criação de peru e burro, 6% ficou para criação de peixe (tilápia), cavalo e pato, 3% para a criação de ganso (figura 57).

Figura 56 – Gráfico da Criação de Animais



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 57 – Gráfico de quais animais são criados



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

5.3.3 Terceiro Eixo: Análise da Relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a Biodiversidade

A partir do momento que o ecossistema, a Mata Atlântica, está preservada, presenças ilustres começam a ocupar tal lugar (figura 58).

Figura 58 - Rastro/Pegada de Onça



Fonte: Registro feito por remanescente quilombola (2023)

As comunidades tradicionais, tais como a quilombola, têm no seu desenvolvimento histórico e na organização de seus espaços, as referências fundamentais para geração de comunidades sustentáveis, mediante a construção de paisagens produtivas e sustentáveis, tendo no conhecimento ecológico tradicional (ANTONIO, 2013). Com esta harmonia presente no Quilombo de Santa Justina, não há surpresa em encontrar o aparecimento de onças. Do gambá a preguiça, uma extensa variedade de aves – coruja, tucano, canário, gavião, sabiá, bem te vi, trinca ferro, periquito -, do jacaré a jaguatirica, do lagarto ao quati. A presença desses animais silvestres e o reconhecimento dos mesmos pela comunidade de Santa Justina/Santa Izabel revela um forte bioindicador.

Considerando os indivíduos arbóreos, (19) dezenove pessoas entrevistadas acreditam que as árvores são algo sagrado e (08) oito pessoas entrevistadas não consideram (figura 59). Se tratando do reconhecimento das espécies no território, os indivíduos arbóreos mais presentes são 25% Jatobá, 20% Monjolo, 15% Carrapeta junto com o Pau Pereira, 10% Espinheira Santa junto com o Ipê do Campo e 5% com a Figueira (figura 60).

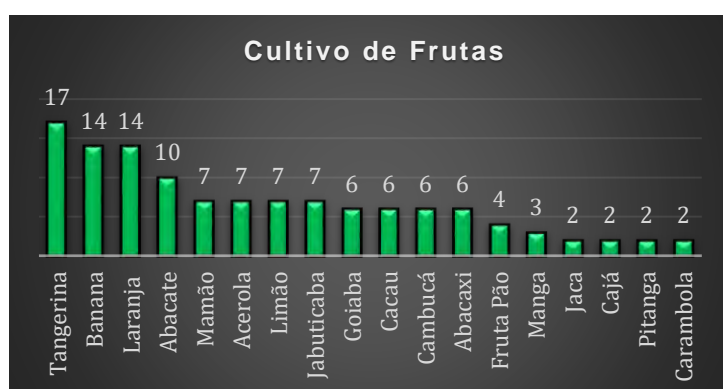
Figura 59 – Gráfico das Árvores Sagradas

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 60 – Gráfico do Reconhecimento das Árvores

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os animais silvestres que a comunidade reconhece em seu território, em ordem decrescente, são o Gambá, o Lagarto, a Onça, aves em geral, a Capivara, o Quati, o Cachorro do Mato, o Porco do Mato, o Macaco, a Cobra, a Paca, a Anta, o Gato do Mato, a Cutia, a Jaguatirica, o Coelho do Mato, o Jacaré e a Preguiça (figura 61). As (24) vinte e quatro pessoas entrevistadas não reconhecem a presença de animais em lendas ou histórias, mas (03) três pessoas entrevistadas reconhecem (figura 62). O gavião, entre essas pessoas que afirmaram conhecer alguma lenda ou história que possui um animal silvestre como protagonista, é chamado de “gavião agoureiro”, pois existe uma história entre os remanescentes que a ave não pode cessar voo no telhado de ninguém por que tal ação remete ao falecimento de algum ente querido da família que está por vir.

Figura 61 - Gráfico dos Animais Silvestres

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 62 - Gráfico da Presença de Animais em lendas

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ao questionar sobre a utilização de matéria prima pertencente à natureza para a construção de objetos, (22) vinte e duas pessoas entrevistadas responderam que não e (05) cinco pessoas entrevistadas responderam que sim (figura 63). Esses 15% que responderam positivamente citaram como matéria a utilização de madeira encontrada já sobre o chão, a utilização do Cipó Una, a utilização do Bambu, a utilização do Cipó Timbopeva e o Cipó Taboa (figura 64).

Figura 63 – Gráfico dos objetos construídos a partir de matéria prima da natureza



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

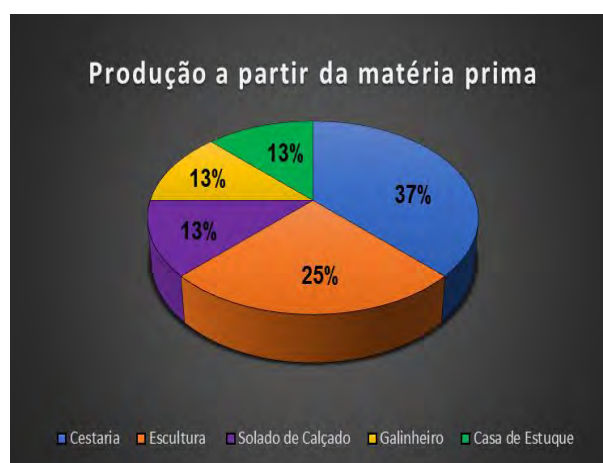
Figura 64 – Gráfico da Matéria Prima Coletada



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Mesmo sendo poucas pessoas que possuem essa prática, os entrevistados que responderam de forma positiva utilizam a madeira encontrada na mata – já derrubada por algum fator natural – para construir esculturas feitas pelos artesãos quilombolas; e para finalizar no processo de fabricação de sapatos, sendo feito o solado. As madeiras também são aproveitadas para construir galinheiros e casas de estuque (figura 65-68).

Figura 65 - Gráfico da produção feita pela matéria prima



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Figura 66 - Escultura de Madeira



Fonte: Registro feito pela autora (2022)

Figura 67 - Barquinho e Banco de Madeira



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 68 - Casa de Estuque



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

São utilizados também três tipos de cipó encontrados na mata, o cipó timbopeva, o cipó taboa e o cipó una. Tais matérias primas são utilizadas para construir cestarias que servem para carregar mantimentos na hora da colheita e guardar o que quiser (figura 69).

Figura 69 - Cesto feito com Cipó Timbopeva



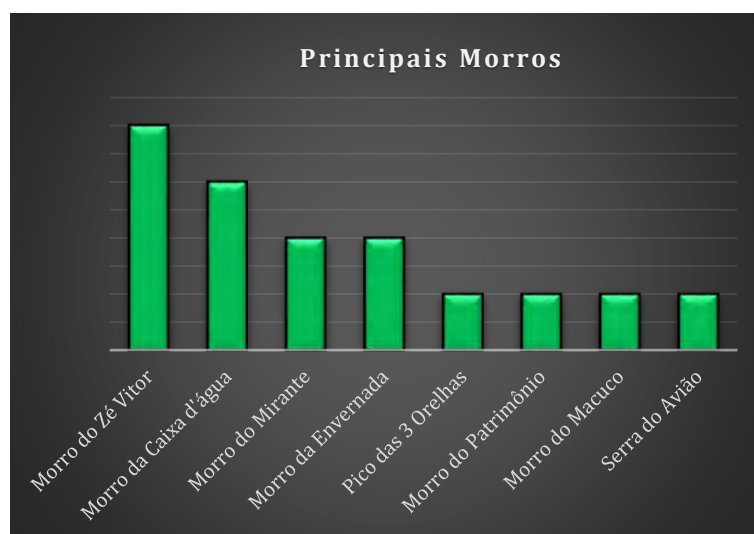
Fonte: Registro feito pela autora (2023)

5.3.4 Quarto Eixo: Relação do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel com a Paisagem e Lugar

Os entrevistados possuem um grande entendimento e senso de pertencimento sobre o seu redor, as adjacências do território. Pois, os relevos destacados por eles são nomeados conforme elementos e acontecimentos sobre os mesmos. Exemplo, o Morro do Zé Vitor é rotulado dessa maneira por conta do Sr. José Vitor que muito antes tinha uma toca nesta montanha. Outro exemplo é o Pico das Três Orelhas que recebe esse nome por ter o formato parecido com três orelhas.

Os principais morros que a comunidade reconhece em seu território - em ordem decrescente - são o Morro do Zé Vitor, o Morro da Caixa d'água, o Morro da Invernada, o Pico das Três Orelhas, o Morro do Patrimônio, o Morro do Macuco e a Serra do Avião (figura 70).

Figura 70 – Gráfico dos Principais Morros



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

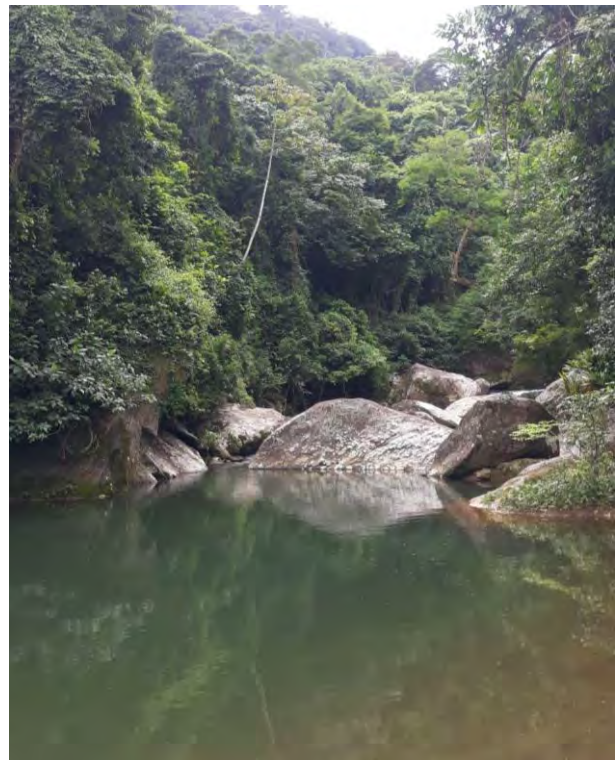
Como percebe-se, a comunidade mantém uma relação de simbiose com a natureza e a maioria dos sítios possuem a presença de algum curso de rio que percorre seu interior ou suas extremidades. Todos esses cursos de rios, são reconhecidos de acordo com a localização dos sitiantes, como por exemplo, Cachoeira do Firmino ou Nascente da Luzia. Mas esses cursos de rio também podem ser reconhecidos dependendo da região que estão situados dentro do quilombo, como por exemplo, Cachoeira Santa Justina. Lembrando que existem duas porteiras no quilombo, o lado de Santa Justina e o outro de Santa Izabel (figura 71 e 72)

Figura 71 - Cachoeira da Usina



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 72 - Poço 5 Metros



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

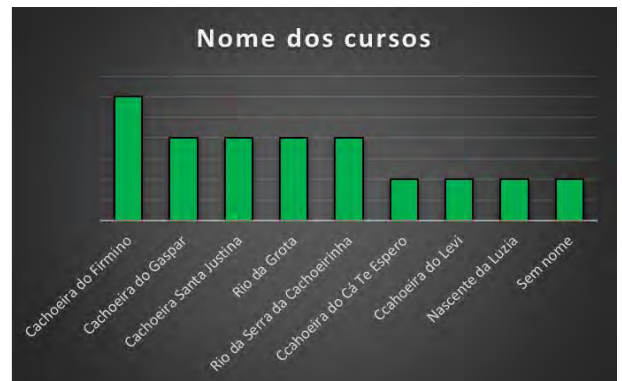
Sendo o questionário, (18) dezoito pessoas entrevistadas possuem a presença do curso de rio em seu quintal e (09) nove pessoas entrevistadas responderam que não (figura 73). Em ordem decrescente, foram destacados os cursos de rio Cachoeira do Firmino, Cachoeira do Gaspar, Cachoeira Santa Justina, Rio da Grota, Cachoeira do Cá Te Espero, Cachoeira do Levi, Nascente da Luzia, Rio da Serra da Cachoeirinha e os outros não reconhecem por nome (figura 74).

Figura 73 – Gráfico da Existência de Curso de Rio



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

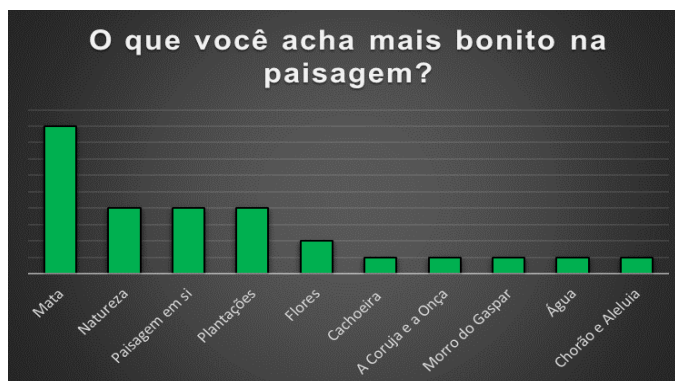
Figura 74 – Gráfico do Nome dos Cursos de Rio



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Aprofundando, capturando o íntimo dos entrevistados, os componentes da paisagem como a mata, a cachoeira, as plantações cultivadas por eles ou até mesmo a paisagem em si são algo bastante agradáveis a eles. Sendo mais específico, o Chorão e a Aleluia – flores presentes no território -; a própria coruja e a onça – animais silvestres que são uma das riquezas do quilombo -. (figura 75).

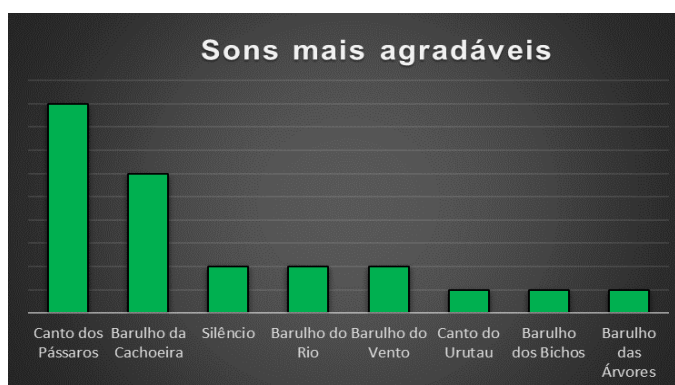
Figura 75 – Gráfico do Componente Agradável da Paisagem



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Referente ao campo dos sentidos, o gradiente dos sons que acalantam e que estão presentes no território quilombola sobre a percepção dos entrevistados variam desde o silêncio ao canto do pássaro urutau. É muito singular as constituintes apontadas nas respostas do questionário, que sempre se referem aos elementos naturais, como também ao barulho das águas correndo, o barulho das árvores (figura 76).

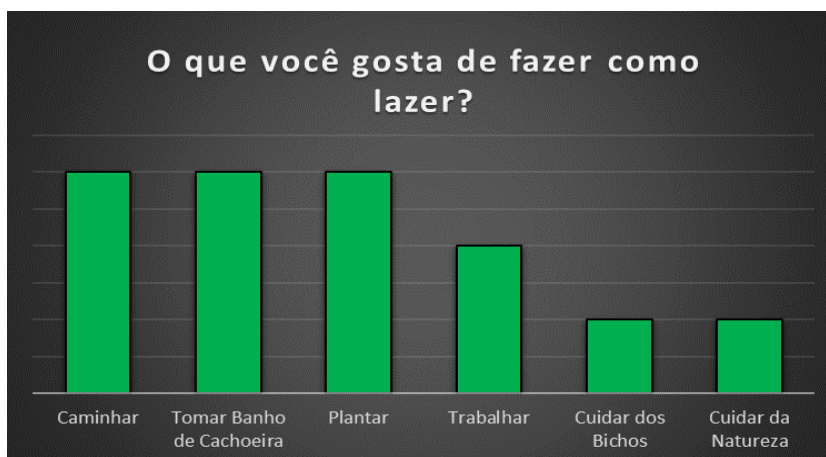
Figura 76 – Gráfico dos sons mais agradáveis



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Considerando ainda o bem estar dos entrevistados, o lazer dos mesmos também corresponde a atividades que possuem relação com a natureza. Exemplo, caminhadas ao ar livre, tomar banho de cachoeira, a dedicação para a plantação, o cuidado com os bichos e a natureza. Um fato que também chamou a atenção e que alguns consideram o trabalho como lazer. Ao mesmo tempo que demonstra uma relação de afeto com o seu ofício, escancara a dureza da vida para o trabalho sem fim para o sustento de sua família pois a vida na roça também pode ser muito dura (figura 77).

Figura 77 – Gráfico de Lazer



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Referente às questões mais críticas da comunidade, foi aberto um espaço para que os entrevistados deixassem um apelo e reflexão sobre o que deve mudar no Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel e que definissem também uma palavra que representa a comunidade para eles. O fato mais preponderante nas respostas sobre as melhorias foi a questão da energia elétrica. Algo estarrecedor, pois, boa parte das residências da comunidade não possuem rede elétrica sendo improvisado lampiões e também, fato que ocorreu em janeiro deste ano nas residências próximas a localização da várzea que possuem, foi o acontecimento das chuvas de verão (janeiro de 2023) que derrubaram as árvores e também a fiação elétrica - de quem possui -. Com a demora da empresa fornecedora de energia, muitas dessas famílias perderam seu sustento porque os eletrodomésticos não funcionavam por conta da falta de luz.

A questão da titulação também esteve assídua, pois a partir do reconhecimento do território como terra quilombola dentro dos parâmetros da lei, haverá a certificação diante das autoridades e será mais fácil para lutar a favor de seus direitos, como por exemplo, outro apelo pontuado, a implementação de uma escola quilombola, a visita regular de médicos ou a implementação de um ponto de saúde para atender a comunidade diretamente devido à dificuldade de locomoção e falta de acesso. Também se faz um alerta para a gestão pública vigente para se atentar aos direitos da comunidade quilombola e agir para que a assistência social e os devidos serviços públicos atendam ao território.

Com isso, (16) dezesseis pessoas entrevistadas citaram a energia elétrica, (06) seis pessoas entrevistadas citaram a titulação da comunidade pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), (03) três pessoas entrevistadas citaram sobre o deslocamento, (01) uma pessoa citou os serviços públicos e uma pessoa citou sobre a união da comunidade (figura 78).

Figura 78 – Gráfico de Melhorias para a Comunidade

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel abrange variadas perspectivas a partir do ângulo dos entrevistados, sentidos muito positivos e firmes. Como a paz, felicidade, liberdade, resistência, tranquilidade, amigos, harmonia, importância histórica, renascimento, titulação e a união para seguirem lutando para os seus direitos serem respeitados e seu reconhecimento ser finalmente efetivado diante do município de Mangaratiba (figura 79).

Figura 79 - Gráfico da Palavra Chave

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meio, para além do ponto de vista “físico”, torna-se humano e político, e é conduzido pela experiência emocional e afetiva a partir da comunidade quilombola de Santa Justina/Santa Izabel. O contato com o mundo exterior, em primeira instância, se dá por meio dos órgãos sensoriais e a construção do sentido simbólico se dá a partir desse momento passando pelos filtros culturais da comunidade para enfim se tornarem percepções.

O Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel é uma comunidade tradicional que detém a natureza muito para além da sua subsistência. A natureza está integrada ao modo de vida da comunidade e a comunidade está imersa nos ciclos e componentes da natureza. Como foi recordado por uma remanescente quilombola, onde sua mãe plantava e a mesma guiava-se por meio das fases da lua e sabia quando podia plantar ou colher. Ou seja, aqui a comunidade, a natureza, a paisagem ao qual está integrada são um só.

Há um outro sentido referente à natureza, aos animais, às águas e à terra para os quilombolas de Santa Justina/Santa Izabel. O meio físico, agora representado como o lugar dos quilombolas, cerceia estes elementos e a terra para a comunidade tem o significado da ancestralidade e resistência. Pois, seus antepassados viveram, lutaram e resistiram em seu território – luta essa que ainda perpassa as presentes gerações -. Revelando a memória e cultura dessa comunidade, resgatando e fortalecendo assim a sua identidade. Essas nuances simbólicas são o que transformam o meio físico em lugar, o sentimento de pertencimento e integração.

O modo com que enxergam a vida e como desenvolvem o seu viver está entrelaçado com as matas, as águas dos rios e cachoeiras, ao cuidado dos bichos, a sabedoria da plantação, o reconhecimento das árvores e a lida com a cura da terra. O Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel é a guardiã ancestral da natureza e de toda a extremidade territorial de sua delimitação. Tanto que há uma perspectiva que abraça a natureza, não é só pela luta territorial, mas para continuar cuidando e preservando o verde, continuar conservando a natureza por meio de sua sabedoria, perpetuar sua memória e identidade perante ao município de Mangaratiba. Se fazer enxergar como peça fundamental para compreender o contexto histórico da cidade em sua totalidade e verdade.

Suas práticas de manejo da natureza são grandes aliadas e fortalecedoras para que a Mata Atlântica local continue conservada. Considerando o manejo da mata sustentado por seus valores, conhecimentos e expectativas, é possível conceber a maneira como a comunidade reconhece o seu lugar, como preserva os animais e demais recursos. O que é conhecido como espaço, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor pessoal. Para além de construir e organizar os dados referentes ao questionário introduzido e construído com a comunidade, o lugar da comunidade - seu território - fala por si só. A natureza está presente em sua totalidade, pois as mãos de sementeira do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel as tocaram. Sendo também possível – tecnicamente falando – estabelecer um diagnóstico ambiental totalmente positivo referente a maneira com que a comunidade se relaciona, interage e maneja a natureza.

Porém, com o canal da percepção ambiental referente sobre como a comunidade se caracteriza – os dados socioeconômicos – é pertinente pontuar que assim como a natureza é cuidada pelo Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, a comunidade necessita de assistência e seus direitos devem ser reconhecidos. Pois, para a floresta continuar de pé, os seus guardiões também precisam ser protegidos e ter os seus direitos garantidos. Esse é o saldo negativo, pois a comunidade em sua simplicidade e cuidado com a natureza, encontra-se sem estrutura para ter acesso a direitos básicos como a questão da rede elétrica, a acessibilidade tanto a locomoção como ao direito a serviços públicos como escola, saúde, coleta seletiva, planejamento de esgotamento sanitário. Direitos esses essenciais para qualquer indivíduo e que não são

acessados pelos remanescentes do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. Ocorrendo assim a evasão do território por condições mais dignas de vida e melhorias no geral.

A partir do momento que os resultados da pesquisa referente a Percepção Ambiental foram entregues a comunidade quilombola de Santa Justina/Santa Izabel no dia 16 de julho de 2023 (figura 80 e 81) e que foram aprovados (anexo E), foi interessante notar como a comunidade, a luz dos resultados, percebeu-se como protagonista não só da história da cidade de Mangaratiba, mas também, como protagonista ativa na proteção da natureza.

Figura 80 - Entrega dos Resultados e Aprovação da Comunidade I



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Figura 81 - Entrega dos Resultados e Aprovação da Comunidade II



Fonte: Registro feito pela autora (2023)

Como sua prática de manejo não dialoga apenas com a plantação em si, mas também com a conservação da face da Mata Atlântica tão presente em um espaço que a mesma foi devastada por conta da especulação imobiliária e a urbanização desenfreada. Sem mencionar que o fragmento de manguezal que continua preservado está situado na delimitação da comunidade e seu outro fragmento que está fora da delimitação do quilombo atualmente está degradado por conta da falta de saneamento básico e da construção irregular de residências em seu entorno.

A Percepção Ambiental no Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel apresenta-se como uma ferramenta que também ajuda a expor as dificuldades enfrentadas no território, compreendendo a comunidade, tentando trazer resoluções norteadoras para os conflitos sociais pertinentes. Corroborando para destacar o elo que a comunidade possui com o seu território, o seu lugar e sentimento de pertencimento. Em suma, a conclusão da pesquisa, que tem como objetivo abordar a percepção ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel, auxilia como mais uma contribuição na luta territorial da comunidade ao comprovar que sua identidade e cultura são inseparáveis da conservação e preservação da natureza, demonstrando que todo conhecimento e cuidado com a terra estão interligados com a sabedoria ancestral deixada por seus antepassados.

A partir desta temática abordada, pode-se desenvolver outros eixos futuros de pesquisa, como compreender de que forma as práticas agroflorestais do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel contribuem para preservar a Mata Atlântica e corpos hídricos da região; pesquisar sobre a etnogeomorfologia dos elementos componentes da paisagem pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel; analisar como as mulheres quilombolas de Santa Justina/Santa Izabel são atuantes na proteção da terra e manutenção cultural da natureza a partir da plantação nos quintais; trabalhar com a origem biogeográfica das plantas medicinais que estão presentes na tradição do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel. Assim como os grandes rios que possuem os seus afluentes em sua formação, este resultado pode ser expandido para mais análises e produtos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCORN, Janis B. **Indigenous Peoples and Conservation**. Conservation Biology Volume 7. No. 2, Jun, 1993.

ALVES, Mariana da; ROSA, Isaac. **Os Impactos Socioambientais e a Transformação da Paisagem Causadas pelo Minério de Ferro na Praia do Saco em Mangaratiba - RJ**. Khóra: Revista Transdisciplinar, v. 4, n. 5. 2017.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Antropoceno: a Era do colapso ambiental**. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>> Acesso em 15 de Janeiro de 2023.

AMORIM, Liliane Pereira de; TÁRREGA, Maria Cristina V. Blanco. **O Acesso à Terra: A Lei de Terras “1850” como Obstáculo ao Direito Territorial Quilombola**. Emblemas, v. 16, n.1, p. 10-23. 2019.

ANTONIO, Davi Gutierrez. **Comunidades sustentáveis: um estudo de percepção, interpretação e valoração da paisagem mediante o conhecimento tradicional** / Davi Gutierrez Antonio. Rio Claro, 2013 249 f.

BANDEIRA, Fábio Pedro Sousa de Ferreira; CHAVES, Joselisa Maria; PEREIRA, Quitéria Elias. **Uso de Geotecnologias para Compartimentação Etnopedológica nas Terras Indígenas Pankararé no Raso da Catarina-Ba**. Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, 16-21 abril 2005, INPE, p. 3237-3244

BARROS, Juliana Ramalho. **A Percepção dos Quilombolas Kalunga do Engenho e do Vão das Almas Acerca do Clima e do Uso da Água**. Ateliê Geográfico. Goiânia. v. 6, n. 4, p. 216-236. Dez/2012.

BOLFE, Édson Luis; MATIAS, Lindon Fonseca; FERREIRA, Marcos César. **Sistemas de Informação Geográfica: Uma Abordagem Contextualizada da História**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 33, n. 1, p. 69-88, jan./abr. 2008.

BONDIM, Mirian. **Resumo da História Econômica e Social de Mangaratiba**. Fundação Mário Peixoto. Rio de Janeiro. 62 p. 2015.

BONDIM, Mirian. **A História de Mangaratiba por seus Patrimônios Histórico-Culturais**. Editora Litteris. Rio de Janeiro. 120 p. 2021.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou Camponês? O Protocampesinato Nero nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Caldas, A. L. R., & Rodrigues, M. do S. **AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA MICROBACIA DO RIO MAGU**. *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, v.15. 2012.

Carmo, Greyce Bonjardim da Silva. **Percepção ambiental na comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA)**. 2019. Dissertação. (Mestrado em Ciências e Tecnologias Ambientais). Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Sul da Bahia e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Porto Seguro, BA, 2019. f. 124

DA NOBREGA ALVES; ROMEU, Rômulo; NISHIDA, Alberto. **Aspectos socioeconômicos e percepção ambiental dos catadores de caranguejo-uçá *ucides cordatus cordatus* (l. 1763) (decapoda, brachyura) do estuário do rio mamanguape, nordeste do brasil**. INCI. vol.28, n.1, pp.36-43. 2003.

DIAS, Thelma Lúcia Pereira; ROSA, Ricardo de Souza; DAMASCENO, Luis Carlos Preira. **Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte, Brasil)**. *Gaia Scientia*. V. 1, n.1, p. 25-3. 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. USP. São Paulo, 1999.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2a ed. p. 275. 1993.

FERREIRA, Paula Karoline da Silva. **Geotecnologias aplicadas à análise socioambiental de quilombos em áreas urbanas: Estudo de caso do Território Quilombola de Sucurijuquara, Distrito de Mosqueiro, Belém-Pa**. Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2019.

FERREIRA, Vinicius Matheus. LEITE, Marcos Esdras; NEVES, Sergio Leandro Sousa. **Nova Cartografia Social e Geotecnologias aplicadas à gestão territorial de comunidades tradicionais**. *Caderno de Geografia*, v.31, n.65, 2021.

FERRAZ, Ana Maria Meneses. **Avaliação das Temperaturas e superfície e do ar a partir da Intensificação do agronegócio no território quilombola de Morro de São João, Tocantins**. 2022. 198 f. Dissertação. Universidade Federal do Tocantins.

FRANCO, José Luiz de Andrade. **O Conceito de Biodiversidade e a História da Biologia da Conservação: Da Preservação da Wilderness à Conservação da Biodiversidade.** História. São Paulo, v.32, n.2, p. 21-48, jul./dez. 2013

GALLOTTI, Teresa Florenzano. **Geotecnologias na Geografia Aplicada: Difusão e Acesso.** Revista do Departamento de Geografia, v. 7, p. 24-29. 2005.

GOMES DE AGUIAR, V. **Geotecnologias e a cartografia social para a representação de territórios em conflitos ambientais no norte do tocantins.** *Revista Escritas*, v. 11, n.1, p. 52–66. 2019.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento.** Alemanha. 192 p.1980.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; GRINBERG, Keila. **O crime de redução de pessoa livre à escravidão no Brasil oitocentista.** *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 13, p. 1-21. 2021.

MARTN SALA, J. J. S. **Psicologia e fenomenologia.** Revista do NUFEN. v.10. n 03 artigo 33. 2018.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação da História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein.** Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 6a ed. 2001.

MATIAS, Rodolfo Marques. **Avaliação da Sustentabilidade Hídrica em Pequenas Bacias: O Caso de Mangaratiba, RJ.** 2016. 65 f. Monografia (Curso de Graduação em Ciência Ambiental) - Departamento de Análise Geoambiental - Universidade Federal Fluminense, 2016.

MENEZES, Sady Júnior Martins da Costa de; DOMINGUES, Getúlio Fonseca; LIMA, Cleverson Alves de; LANA, Vanessa Mendes; RIBEIRO, Carlos Antonio Alvares Soares; LIMA, Cleydson Alves de. **Educação ambiental: Utilização de geotecnologias na disseminação da percepção ambiental.** *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. Rio Grande, v. 7, p. 21-28. 2012.

OLIVEIRA, de Livia; RIO, del Vicente. **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira.** 2ªed. São Paulo, Studio Nobel. 287 p. 1999.

OLIVEIRA, K. A; CORONA, H. M. P. **A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais.** *Revista Científica ANAP Brasil*, v. 1, n. 1, 2011

OLIVEIRA, Livia de Oliveira. **Percepção Ambiental.** *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, v.6, n.2, jul./dez.

OLIVEIRA, Livia de Oliveira. **Percepção do meio ambiente e Geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. MARANDOLA JR., Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (Orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. 196 p

PEREIRA, Elias Quitéria; CHAVES, Joselia Maria; BANDEIRA, Fábio Pedro Sousa de Ferreira . **Uso de Geotecnologias para Compartimentação Etnopedológica nas Terras Indígenas Pankararé no Raso da Catarina-Ba** Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, 16-21 abril 2005, INPE, p. 3237-3244.

PESSOA, Thiago Campos. **O Universo Escravista no Império dos Souza Breves: A família Breves e o tráfico ilegal de africanos**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

PESSOA, Thiago Campos. **O Comércio Negroiro na Clandestinidade: As Fazendas de Recepção de Africanos da Família Souza Breves e Seus Cativos**. Revista Afro-Ásia, v. 47, p. 43-78. 2013.

PUSSINI, Nilmar; PIDORODESKI, Adriana; TOLEDO, Bruno Henrique Costa. **Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais no Paraná: Novas Perspectivas Temáticas para a Cartografia**. Entre-Lugar. Dourados, MS. v. 3, n.5, p 19-36. 2012

Quilombo, Luta e Liberdade. Guilherme Planel. Mangaratiba. Instituto Baobá. 2022. Acesso disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6f0DgChG93A&t=1349s>>

ROCHA, Ibraim. *et al.* **Manual de direito agrário constitucional: Lições de direito agroambiental**. Belo Horizonte: Fórum, 2010.

RODRIGUES, Marina Lima; MALHEIROS, Tadeu Fabrício; FERNANDES, Valdir; DARÓS, Taiane Dagostin. **A Percepção Ambiental Como Instrumento de Apoio na Gestão e na Formulação de Políticas Públicas Ambientais**. Saúde Soc. São Paulo, v.21, supl.3, p.96-110, 2012

RODRIGUES, Walter LuizJardim; SANTOS, Viviane Corrêa; PIMENTEL, Maria Aparecida da Silva. **Geotecnologias e Saberes Tradicionais Aplicados à Análise Espaço-Temporal**. ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp.V CBEAGT, p.27-43, 2016.

ROSA. Roberto. **Geotecnologias na Geografia Aplicada**. Revista do Departamento de Geografia. v.16. p. 81-90. 2005.

SANTOS, Milton. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Editora Record. Rio de Janeiro. 476 p. 2001.

SANTOS, Marcos Aurélio Perroni dos. **Uso Público em Unidades de Conservação**. Revista Eletrônica. Niterói. Vol. 8, nº 13. 2020

SCHLEICH, Alisson Passos; FILHO, João Bernardes da Rocha; LAHM, Regis Alexandre. **Construção de Conhecimentos Sobre o Meio Ambiente Utilizando Geotecnologias**. CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação. V. 13 Nº 1, julho, 2015.

SEEMANN, JORN. **Perspectivas humanísticas na relação entre a Percepção Ambiental e a Cartografia**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina. 2005.

SILVA, A. B. **Sistemas de Informações Geo-Referenciadas: conceitos e fundamentos**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

Souza, Sílvia Maria Varela de. **Percepção ambiental dos moradores do entorno da reserva biológica do Tinguá – RJ**. 2017. 113f.:

TEIXEIRA, Catarina; Domeneghi, Liliane S.B.N.; Pereira, Marco Aurélio; Pereira, Fernando Lourenço. **Percepção Ambiental como Instrumento da Educação Ambiental Formal**. CONEDU III. Natal, 2016.

TEIXEIRA, Andressa Machado; RIBEIRO, Júlia Nyland do Amaral; BRUM, Thyellen Vergara. **Geotecnologias na Gestão Municipal: Mapeamento das Comunidades de Pescadores Artesanais**. Rio Grande do Sul. 8º Seminário de Extensão: Conectadas pela Ciência. 2020.

TOLEDO, Victor M. **Povos/comunidades tradicionais e a Biodiversidade**. Trad. Antonio Diegues. In: LEVIN, S. et al. (Eds). Encyclopedia of Biodiversity. Academic Press, 2001.

TORRE, Kaciara Ferraz Dias. **Percepção ambiental da comunidade remanescente quilombola Jutai Breu Branco-PA**. Orientador: Rodrigo Cândido Passos da Silva. 2022. 41, [4] f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Sanitária e Ambiental) – Campus Universitário de Tucuruí, Universidade Federal do Pará, Tucuruí, 2022

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência** / Yi-Fu Tuan; Tradução de Lévia de Oliveira. — São Paulo: DIFEL. p. 227. 1983

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

Workshop “Mapeamento Participativo e Cartografia Social 2022”. Instituto Virtual para o Desenvolvimento Sustentável (IVIDES.org). Acesso disponível em https://www.youtube.com/watch?v=30Zi_eTMtyo&t=2758s

ANEXOS

Segue abaixo o modelo do questionário geral e específico aplicado com a comunidade do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel:

A – Questionário Geral

I - Produção Agrícola e Biodiversidade

- 1 - Quais são as práticas de coleta da comunidade? Onde?
- 2 - O que é produzido a partir dessa matéria prima?
- 3 - Cada família tem a sua roça? O que plantam? Onde?
- 4 - O cultivo é para consumo próprio ou também é vendido?
- 5 - Onde é vendido?
- 6 - A produção ocorre de forma individual ou coletiva? Há alguma produção, coleta em local coletivo?
- 7 - Usam ervas medicinais? Da mata? quais? Plantam? quais?
- 8 - Existe a criação de animais? Quais?
- 9 - Quais são os animais presentes na mata?

II - Paisagem e Território

- 10 - Quais os principais morros, qual o nome?
- 11 - Além do Rio do Saco/Lapa, quais outros são importantes?
- 12 - Tem cachoeira? Usam?
- 13 - E a água que consomem? De onde vem? Cada um tem a sua nascente?

III -Aspectos Culturais

- 14 - Existe algum local sagrado? Quais?
- 15 - Algum lugar que não pode ir? Ou que é perigoso?
- 16 - Quais são as festividades tradicionais da comunidade?
- 17 - Existe alguma lenda ou crença?

B - Questionário Específico**Perfil do Entrevistado**

1 - Nome Completo: _____

2 - Sexo: () Feminino () Masculino

3 - Idade:

4 - Idade Estatística:

() 18 a 25

() 26 a 30

() 31 a 40

() 41 a 50

() 51 a 60

() 61 a 70

() 71 a 80

() Acima de 80

5 - Escolaridade:

() analfabeto

() fundamental completo

() fundamental incompleto

() médio completo

() médio incompleto

() superior completo

() superior incompleto

6 - Qual a sua ocupação?

() Caseiro(a)

() Comerciante

() Doméstica

() Pescador(a)

() Produtor(a) rural

Professor(a)

Outros

7 - Parte da sua renda vem dos produtos manjados?

sim

não

8 - Quanto (R\$)?

0,00 a 100,00

201,00 a 300

301,00 a 500,00

501,00 a 800

801,00 a 1000

9 - De onde vem a água que você consome?

nascente

poço

rio

Outros

10 - Para onde vai o seu esgoto?

Fossa

Rio

Sumidouro

Outro destino

11 - Como se dá a coleta de lixo?

Coleta

Enterrado

Queimado

Outro destino

12 - O que seria esse outro?

Relação com a Produção Agrícola

13 - Você faz alguma coleta na mata?

() sim () não

14 - O que é produzido a partir dessa coleta? (Comida)

15 - Você tem roça?

() sim () não

16 - O que é plantado na roça?

17 - Onde é plantado?

16 - O plantio é para consumo próprio ou também é vendido?

() consumo () venda () os dois

18 - Você utiliza ervas medicinais?

() sim () não

19 - Quais são as ervas medicinais?

20 - As ervas medicinais são plantadas ou colhidas na mata?

() colhidas na mata () plantadas () os dois

Relação com a Biodiversidade

21 - Quais são as árvores existentes?

22 - Essas árvores possuem algum valor para a comunidade?

() sim () não

23 - Você cria animais?

() sim () não

24 - Quais animais são criados?

25 - Quais são os animais que vivem na mata?

26 - Algum desses animais aparece em alguma lenda?

() sim () não

27 - Quais são as plantas usadas na culinária?

28 - Você constrói objetos a partir de alguma matéria prima da natureza?

() sim () não

29 - Quais são?

30 - Qual é a matéria prima?

Relação com a Paisagem e o Lugar

31 - Quais são os principais morros que você identifica na comunidade?

32 - Além do Rio do Saco/da Lapa, existe outro rio importante?

() sim () não

33 - Qual o nome do rio?

34 - O que você mais acha de bonito na paisagem?

35 - Qual é o som da natureza que mais te agrada?

36 - O que você mais gosta de fazer dentro da comunidade como lazer?

37 - O que você acha que poderia melhorar para o bem da comunidade?

38 - Qual palavra representa o Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel para você?

C - Parecer final do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID)

11/09/2020

SEI/INCRA - 7016845 - Parecer



INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

PARECER Nº 21686/2020/SR(07)RJ-F4/SR(07)RJ-F/SR(07)RJ/INCRA
PROCESSO Nº 54000.018346/2020-45
INTERESSADO: COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTA JUSTINA E SANTA ISABEL
ASSUNTO: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID

VI - Parecer Conclusivo

Os servidores indicados que compõem a equipe técnica constituída pela Ordem de Serviço INCRA/SR07/G/nº 903, designados para elaborar o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da área dos remanescentes das comunidades dos quilombos de Santa Justina e Santa Izabel, após a análise das peças elaboradas e coligidas neste Relatório (RTID) e das observações e avaliações obtidas pela própria equipe na referida comunidade;

Considerando o que determinam o Artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988, o Artigo 2º do Decreto 4887, de 20 de novembro de 2003 e Artigo 10º, Inciso VI da Instrução Normativa nº 57 de 20 de outubro de 2009;

Emita o seguinte parecer conclusivo técnico: as terras identificadas neste RTID, constantes da Planta e Memorial Descritivo, delimitadas em um único perímetro, consideradas como suficientes para a garantia da reprodução física, social, econômica e cultural da comunidade (art. 2º, § 2º, do Decreto nº. 4.887/2003), são reconhecidas como terras que compõem o território dos remanescentes da comunidade do quilombo de Santa Justina e Santa Izabel, qualificados no presente documento, devendo o INCRA dar andamento ao procedimento para, ao seu final, emitir o título definitivo dessas terras aos membros do citado quilombo, através de sua Associação.

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2020

Miguel Pedro Alves Cardoso

Antropólogo

Renan Prestes Muros Genésio

Antropólogo

D - Publicação no Diário Oficial da União da Regulação Fundiária**SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO DE JANEIRO****EDITAL Nº 286/2021**

O SUPERINTENDENTE REGIONAL SUBSTITUTO DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, designado pela Portaria INCRA/P/Nº Portaria 502, de 1 de agosto de 2016, publicada no Diário Oficial da União do dia 3 de agosto de 2016, no uso das competências de que trata o art. 118, do Anexo I da Portaria 531, de 23 de março de 2020, publicada no Diário Oficial da União de 24 de março de 2020, que aprova a Estrutura Regimental desta Autarquia, com fundamento no Art. 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, em cumprimento ao Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, TORNA PÚBLICO que tramita na citada Superintendência o Processo Administrativo nº 54180.000692/2016-10, que trata da regularização fundiária das terras dos Remanescentes das Comunidades dos Quilombos de SANTA JUSTINA E SANTA IZABEL, localizadas no Município de Mangaratiba/RJ.

A comunidade é composta por 69 famílias e o território identificado possui 1.358,5317 hectares, com os seguintes limites e confrontações: Fazenda da Lapa; Rio do Saco; faixa de domínio da BR-101 Rodovia Rio-Santos e Fazenda Porto Belo;

Incidem no território a matrícula 11.353 - Livro 2-AB - Registro de Imóveis Cartório Cabral - Mangaratiba/RJ, e desmembramentos, a saber matrículas 20239, 9410, 9408, 9409; e a matrícula 1.550 - Livro 2-F - Cartório do Ofício Único de Mangaratiba - Cartório Cabral.

Nestes termos o INCRA/SR-07(RJ) COMUNICA que notificará os detentores de domínio abrangidos no perímetro descrito e os demais ocupantes e confinantes, que terão o prazo de 90 dias (a partir da última publicação do presente edital nos diários oficiais da União e do Estado do Rio de Janeiro, e do recebimento da Notificação referente) para, querendo, apresentarem suas contestações ao Relatório Técnico.

As contestações instruídas com as provas pertinentes deverão ser encaminhadas para a Superintendência Regional do INCRA no Rio de Janeiro, por meio do e-mail protocolizador servico.quilombolas@rjo.incra.gov.br.

Informa ainda que o Processo Administrativo nº. 54180.000692/2016-10, em cujos autos se processa o feito, estará à disposição dos interessados para consulta, mediante solicitação de cópia integral do processo, a ser enviada para o e-mail protocolizador acima citado.

E - Aprovação da Comunidade relacionada aos resultados da Pesquisa

QUILOMBO SANTA JUSTINA E SANTA ISABEL

CERTIFICADO

A Comunidade Remanescente de Quilombo Santa Justina e Santa Izabel confere à **Bruna Silva da Conceição** o presente certificado pelo relevante trabalho desenvolvido na temática de Geografia tendo por título: "A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/ Santa Izabel, Mangaratiba-RJ".

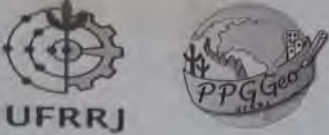
Mangaratiba, 16 de Julho de 2023.

Silvio dos Santos Soares
Presidente

Iosana Mathias
Vice presidente



F - Termo de Autorização assinado pelos entrevistados



Eu, Bruna Gabriel Jenall, inscrito no RG 28060263-4 e CPF 001 181 567 73 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de 01/2023 de _____.



Eu, Jose de Oliveira, inscrito no RG 025926557-9 e CPF 4092460291 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de 01 de 2023



Eu, Manuel da Silva Firmino, inscrito no RG 084552975 e CPF 020543947 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de junho de 2003



Eu, maria francisca lobral, inscrito no RG 10074595-9 e CPF 038.699.527-33 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de JANEIRO de 2023.



Eu, Marcia Rosa de Barros, inscrito no RG 32.952.333-8 e CPF 096.767.552 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de Junho de 2023.



Eu, Antonio Francisco Gomes Cabral inscrito no RG 21.208.972-6 e CPF 141.128.957-9 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de Janeiro de 2023.



Eu, Jorgélia Soares Gonçalves, inscrito no RG 03455120-9 e CPF 005.051.570 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de junho de 2023



Eu, Maria de Oliveira Gonçalves, inscrito no RG 06.962.311.9 e CPF 833.619.927-9 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrand Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 14, de Janeiro de 2023.



Eu, Ernestina de Dória ^{Jornalista} inscrito no RG
~~0958142~~ e CPF ~~0121558114~~ pertencente ao Quilombo de
 Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha
 imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa
 "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de
 Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente
 ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do
 Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e
 da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa
 da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em
 geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito.

Mangaratiba, 14, de Janeiro de 2023



Eu, Donata Genoe, inscrito no RG 12.614.956-7 e CPF 755.909.057-3 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 04, de Fevereiro de 2025.



Eu, Aparecida Silvana Fontella, inscrito no RG 12952207-4 e CPF 061.139.377-80 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 04, de Fevereiro de 2023.



Eu, Rosa Maria dos Santos Silva, inscrito no RG _____ e CPF 118.652.227-55 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 04, de Fevereiro de 2023.



Eu, Alexandre Cabral, inscrito no RG 29 033.536-3 e CPF 162.011.417-82 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestranda Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 4, de Fevereiro de 2023.



Eu, Marilene da Conceição Souza, inscrito no RG 09024066-8 e CPF 01808154788 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 04, de fevereiro de 2023.



Eu, MARIALUISA CABRAL GONÇALVES inscrito no RG 05702-1009-1 e CPF 02501988774 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 25, de fevereiro de 2023.



Eu, Maria Silveira Marques, inscrito no RG _____ e CPF 75590964768 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 25, de 02 de 2023



Eu, Altina Cabral Gemual, inscrito no RG 12.952.285-5 e CPF 054491797-2 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 23, de Fevereiro de 2023.



Eu, Maria Elena da C.M. Jenuel, inscrito no RG 095714788 e CPF 0336437731 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 25, de 02 de 2023



Eu, Vamildo de Oliveira Fontella, inscrito no RG 21.584-622-1 e CPF 115.837.687-78 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 25, de Fevereiro de 2023.



Eu, JOSE MARQUES BENVUEL, inscrito no RG 121871826 e CPF 08526779796 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 25, de FEVEREIRO de 2023



Eu, Edvaldo Felipe da Conceição inscrito no RG 10.532.550-0 e CPF 069.538.869-0 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 11, de março de 2023.



Eu, Laurentino da Conceição Marques, inscrito no RG 08.455.256-1 e CPF 00610146726 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 11, de Março de 2023.



Eu, Pedro Elias da Conceição, inscrito no RG 07525553-9 e CPF 89725506745 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 41, de março de 2023



Eu, Vivante da Conceição Silva, inscrito no RG 05986537-8 e CPF 67333079791 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 11, de MARÇO de 2023



Eu, ARROGO. Pedro Elias da Conceição, inscrito no RG 06.544-585-0 e CPF 960.135.837-40 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 11, de março de 2023



Eu, Lauzia da Conceição Marques inscrito no RG 11039895-5 e CPF 10390518719 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestranda Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 23 de Março de 2023.



Eu, Leana Rosimede M. Dour, inscrito no RG 04029754-0 e CPF 0252528796 pertencente ao Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel localizado em Mangaratiba, autorizo o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela pesquisa "Ancestralidade e Biodiversidade: A Percepção Ambiental do Quilombo de Santa Justina/Santa Izabel" da mestrandia Bruna Silva da Conceição pertencente ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A presente autorização é cedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e da voz em território nacional e internacional, das seguintes formas: (I) Defesa da dissertação, (II) Artigo em revistas/jornais em geral, (III) Apresentações em geral e (IV) Mídia eletrônica e digital.

Por ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito.

Mangaratiba, 26, de Junho de 2023.